



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA –
PROFHISTÓRIA**

JOELMA DA SILVA SANTOS

**TRADIÇÕES ORAIS E ENSINO DE HISTÓRIA NA ESCOLA
PROFESSORA CARMINA GOMES, NO ENSINO FUNDAMENTAL II,
EM SÃO FÉLIX DO XINGU - PARÁ**

**ARAGUAÍNA-TO
2018**

JOELMA DA SILVA SANTOS

**TRADIÇÕES ORAIS E ENSINO DE HISTÓRIA NA ESCOLA
PROFESSORA CARMINA GOMES, NO ENSINO FUNDAMENTAL II,
EM SÃO FÉLIX DO XINGU - PARÁ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História - PROFHISTÓRIA da Universidade Federal do Tocantins, Campus Universitário de Araguaína como requisito para obtenção do título de Mestrado.

Orientador: Prof. Dr. Braz Batista Vas

**ARAGUAÍNA-TO
2018**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S237t SANTOS, JOELMA DA SILVA.
TRADIÇÕES ORAIS E ENSINO DE HISTÓRIA NA ESCOLA
PROFESSORA CARMINA GOMES, NO ENSINO FUNDAMENTAL II,
EM SÃO FÉLIX DO XINGU - PARA. / JOELMA DA SILVA SANTOS. –
Araguaína, TO, 2018.
96 f.

Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal do
Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Pós-
Graduação (Mestrado) Profissional em Ensino de História, 2018.
Orientador: Braz Batista Vas

1. Ensino de História. 2. História Oral e Memória. 3. História
Local. 4. São Félix do Xingu. I. Título

CDD 980

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de
qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que
citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime
estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da
UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

JOELMA DA SILVA SANTOS

TRADIÇÕES ORAIS E ENSINO DE HISTÓRIA NA ESCOLA
PROFESSORA CARMINA GOMES, NO ENSINO FUNDAMENTAL II,
EM SÃO FÉLIX DO XINGU - PARÁ

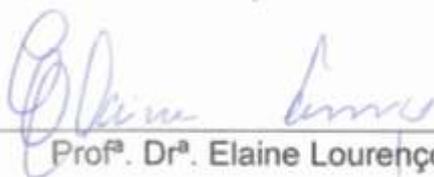
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História - PROFHISTÓRIA da Universidade Federal do Tocantins, Campus Universitário de Araguaína como requisito para obtenção do título de Mestrado.

Data da aprovação: 22 / 09 / 2018

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Braz Batista Vas (Orientador) UFT



Prof. Dr. Elaine Lourenço – UNIFESP



Prof. Dr. Wellington Amarante Oliveira (UFT)

Dedico este trabalho aos meus familiares, em especial aos meus filhos e netos que sempre estiveram do meu lado nos momentos difíceis e ausências no período dos estudos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, especialmente, à minha família, pelo apoio para que realizasse essa pesquisa, aos meus netos João Pedro e Ana Clara, que muitas vezes não entendiam minhas ausências, mas sempre sorria nos reencontros.

Ao meu professor orientador Dr. Braz Batista Vas, que com seu conhecimento, possibilitou-me que este trabalho se tornasse possível.

Aos professores e colegas de mestrados, em especial a Márcia Nogueira, por tudo que aprendi com eles nesta trajetória. Nossos encontros foram de grande valor pelas conversas, discussões e trocas de experiências e aprendizagem.

Agradeço imensamente aos alunos, as pessoas que narram suas experiências e conhecimentos, bem como os professores, coordenadores e direção da Escola Professora Carmina Gomes, que permitiram o desenvolvimento desta pesquisa.

Por último, registro meus agradecimentos a todos que fizeram parte dessa caminhada, contribuindo de forma direta ou indiretamente, para que realizasse esta pesquisa, com incentivos á mais uma jornada da minha vida.

A todos, muito obrigado.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma metodologia de ensino em História oral, usando um dos seus gêneros, as tradições orais, visto que muitas histórias que fazem parte do imaginário social são contadas, porém não são registradas. Quando trabalhamos com a oralidade a memória é muito importante. Segundo Le Goff (2014), no estudo da memória histórica é necessário dar uma importância especial às diferenças para as sociedades orais, escritas ou em transição do oral para o escrito. A realização da pesquisa envolveu os alunos do 7º ano do Ensino Fundamental da Escola Professora Carmina Gomes, em São Félix do Xingu. Trabalhamos com a oralidade, a partir de lendas locais, por meio de entrevistas e coleta de narrativas, como forma de contribuir para um ensino de História com mais significado, uma vez que este estudo parte do local e do cotidiano do aluno, e ainda possibilita o uso de uma metodologia que vai além dos muros da escola. A História oral aqui trabalhada não tem o objetivo de análise escrita das narrativas, mais sim o de viabilizar aos alunos diferentes formas de rememora e de transmissão histórica, o respeito pela diversidade cultural e o reconhecimento de que a História também acontece no seu lugar de vivência, com diversos sujeitos históricos. Como resultado da pesquisa, têm-se a confecção, conjuntamente com os alunos, de uma cartilha de Histórias a partir das narrativas dos moradores mais velhos da cidade de São Félix do Xingu-Pará.

Palavras chaves: Ensino de História, História oral, Memória, História Local, São Félix do Xingu.

ABSTRACT

This work aims to present a methodology of oral history teaching, using one of its genres, oral traditions, since many stories that are part of the social imaginary are counted, but are not recorded. When working with orality memory is very important. According to Le Goff (2014), in the study of historical memory it is necessary to give special importance to differences for oral, written, or transitional societies from oral to written. The research involved the students of the 7th grade of the Carmina Gomes Teacher School in São Félix do Xingu. We work with orality, from local legends, through interviews and collection of narratives, as a way to contribute to a teaching of History with more meaning, since this study starts from the local and the daily life of the student, and still allows the use of a methodology that goes beyond the walls of the school. The oral history worked here does not have the objective of strict analysis of the narratives, but rather of allowing students different forms of remembrance and historical transmission, respect for cultural diversity and recognition that history also happens in their place of living, with several historical subjects. As a result of the research, there is the preparation, together with the students, of a booklet of Stories from the narratives of the older residents of the city of São Félix do Xingu.

Keywords: History Teaching, Oral History, Memory, Local History, São Félix do Xingu.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01- vista aérea de São Félix.....39

Imagem 02- Escola Prof^a. Carmina Gomes.....44

LISTA DE SIGLAS

ABHO -	Associação Brasileira de História Oral
CEBS -	Comunidades Eclesiais de Base
CEE/PA -	Conselho de Educação do Estado do Pará
CPDOC -	Centro de Pesquisa e História Contemporânea do Brasil
FNDE -	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Básica
GDCS -	Grupo de Documentação em Ciências Sociais
IBGE -	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IHTP -	Instituto de História do Tempo Presente
INCRA -	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.
LDB -	Lei de Diretrizes e Base da Educação
PCN -	Parâmetros Curriculares Nacionais
PPP -	Projeto Político Pedagógico
SEDUC -	Secretaria Executiva de Estado de Educação
SEMEC -	Secretaria Municipal de Educação e Cultura
SEMED -	Secretaria Executiva Municipal de Educação
SINTEPP -	Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Pará

Sumário

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO I – PANORAMA SOBRE A HISTÓRIA ORAL E SUAS POTENCIALIDADES	17
1.1 BREVE HISTÓRICO	17
1.2 FONTES ORAIS NA PESQUISA DE HISTÓRIA.....	20
1.3 GÊNEROS NARRATIVOS EM HISTÓRIA ORAL	22
1.4 MEMÓRIA E HISTÓRIA	25
1.5- A HISTÓRIA DO LUGAR E DO COTIDIANO NO ENSINO DE HISTÓRIA	29
1.6 MEMÓRIAS E NARRATIVAS POR MEIO DA HISTÓRIA ORAL EM SÃO FÉLIX DO XINGU	36
CAPÍTULO II - SÃO FÉLIX DO XINGU: CONTEXTUALIZAÇÃO DA CIDADE E DA ESCOLA	38
2.1 BREVE HISTÓRICO	38
2.2 A ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL PROFESSORA CARMINA GOMES.....	43
2.3 A ESCOLA E LEGISLAÇÃO EDUCACIONAL DO MUNICÍPIO.....	46
2.4 – SOBRE OS ALUNOS	47
2.5- A DISCIPLINA DE HISTÓRIA E O SABER ESCOLAR	49
CAPÍTULO III – EM BUSCA DAS HISTÓRIAS DE SÃO FÉLIX DO XINGU: NARRATIVAS E ORALIDADE COMO FONTES DE PESQUISA.....	54
3.1- DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES DA PESQUISA.....	55
3.2 – EM BUSCA DAS NARRATIVAS	56
3.3 – DAS NARRATIVAS A CARTILHA: ESCRREVENDO HISTÓRIAS.....	57
3.4 A - CARTILHA.....	59
APRESENTAÇÃO	61
A ORIGEM DO XINGU	62
DO SERINGUEIRO O QUE RESTOU?.....	63
POÇÃO DA BURRA.....	64
A COBRA GRANDE.....	65
A PORCA DE BOBIS.....	67
O HOMEM QUE VIRAVA BODE	68
O ÍNDIO QUE VIRAVA BICHO	69

CAPELÔBO.....	70
GLOSSÁRIO	71
REFÊNCIAS DA CARTILHA	73
3. 5 - POSSIBILIDADES DE TRABALHAR COM A CARTILHA.....	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
LISTA DE ENTREVISTADOS	79
REFERÊNCIAS	80
APÊNDICES.....	83
Apêndice A – Questionário socioeconômico.....	83
Apêndice B – Plano de Aula para Oficina	88
Apêndice C – Sobre História Oral.....	89
Apêndice D – Roteiro de Entrevista	93
Apêndice E – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	94
Apêndice F – Imagens da execução do projeto	96

INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado com o tema as Tradições Orais e Ensino de História na Escola Professora Carmina Gomes no Ensino Fundamental II, em São Félix do Xingu-Pará, pretende contribuir com as reflexões sobre o Ensino de História na contemporaneidade. Para este trabalho utilizou-se a História Oral como uma metodologia que pode ser aplicada na educação básica. Ao trabalhar com entrevistas não foi objetivo deste trabalho analisá-las, mas destacar uma proposta sobre como trabalhar essa metodologia e suas técnicas em sala de aula no ensino básico.

Além da História oral como metodologia também foi utilizada a pesquisa documental como a análise do Projeto Político Pedagógico da escola, o regimento interno das escolas municipais entre outros documentos educacionais do estado e município. Utilizou-se também a pesquisa participante uma vez houve uma interação entre os sujeitos da pesquisa e o pesquisador.

São inúmeros os desafios dos professores nos dias de hoje no ensino em geral, e no ensino de História não é muito diferente. Poucas oportunidades de formação continuada, especialmente para localidades mais distantes dos grandes centros, pouco tempo disponível para planejamento e reflexões acerca do ensino, livros didáticos com poucas referências a História regional e local e, por vezes, dissociado da vida do aluno.

Enquanto professora do ensino fundamental a mais de 18 anos, vivencio uma prática de ensino que muitas vezes deixa a desejar na aproximação do aluno com sua região ou ao local, dissociando-o de situações concretas da sua vida. Nesse sentido, este trabalho pode contribuir para minimizar essa lacuna que distancia o ensino de História dos livros didáticos da vida concreta e cotidiana dos alunos do ensino fundamental em São Félix do Xingu.

Percebo a necessidade de se trabalhar no ensino fundamental a importância de valorizarmos a História do local através das tradições orais existentes no lugar e que podem estar intimamente ligadas a História, muitas vezes esquecida pelos próprios moradores, da localidade. O trabalho visou aproximar os alunos do 7º ano do Ensino Fundamental das tradições orais pertencentes ao povo de São Félix do Xingu - PA, mostrando-lhes aspectos relativos a estas tradições orais existentes na

cidade, incentivando os educandos a adotarem uma postura de preservação e valorização dos mesmos, identificando-os como parte da História do município.

O sentimento de pertencer a um lugar está condicionado ao conhecimento da existência de bens culturais e envolve a confirmação/construção das identidades e os valores que orientam as práticas sociais de um povo. Nesse sentido, ao se conhecer como determinado grupo de moradores (homens e mulheres) mais idosos da cidade reconstrói o passado e que categorias são utilizadas para narrar/rememorar tempos pretéritos, percebem-se outras formas de apreensão, compreensão e representação da História, o que enriquece e dinamiza o ensino da disciplina, ampliando e efetivando a consciência histórica dos alunos.

O objetivo geral se prendeu a análise das tradições orais em São Félix do Xingu como elemento potencializador da produção de material didático específico e favorável à ampliação das possibilidades de ensino em História na Escola Professora Carmina Gomes. Como objetivos específicos, buscou-se analisar as possibilidades de se trabalhar com a História oral por meio da memória e tradições orais locais como uma metodologia de ensino e fonte de produção colaborativa de material didático; possibilitar o conhecimento das especificidades locais e regionais invisibilizadas nos livros didáticos de História; levar os alunos a considerarem as diferentes formas de memória e de transmissão de Histórias, rompendo com a versão escrita oficial da História nacional, como única possível; possibilitar o contato/diálogo da escola com a comunidade, para que os alunos percebam a importância das Histórias e das tradições orais contadas/narradas pelos mais velhos.

O Ensino, nas várias áreas do conhecimento, tem buscado renovar suas práticas pedagógicas, trabalhando o processo de ensino e aprendizagem a partir do contexto vivenciado pelo aluno, valorizando suas vivências e o que já tem de conhecimento adquirido. Com o ensino de História não é diferente. A necessidade de uma prática metodológica que aproxime o aluno de uma História significativa contribui para o entendimento, por parte do aluno, de uma História de mundo e da sua percepção enquanto sujeito histórico. A consciência histórica é a realidade a partir da qual se pode entender o que a História é, como “ciência”, e por que ela é necessária (RÜSEN, 2001, p. 56). Neste sentido, a História oral, através das tradições orais de moradores da cidade de São Félix do Xingu, pode ser uma alternativa para estudar a História do grupo ou de pessoas ao longo do tempo, de

forma contextualizada, com um sentido, tanto para uma História em geral como para a própria História de vida do aluno e de seu grupo social.

Neste sentido, esta dissertação é composta de três capítulos. No primeiro capítulo é apresentado um breve panorama histórico sobre a História oral a nível nacional e internacional e suas potencialidades, de forma que, a partir da História oral podemos pensar sobre outras experiências pedagógicas e propostas de ensino em História, que possibilitam “fugir das armadilhas”, como receber textos da História local já prontos das instituições locais, seja municipal ou estadual, que requerem do professor uma relação crítica com as concepções de História tradicionalmente dominantes, nos primeiros anos de escolarização.

Destaca-se que o trabalho com as fontes orais não é fácil. Necessita planejamento e apoio pedagógico, que muitas vezes o professor não tem, de forma que o “[...] professor desempenha o papel de coordenador, o gestor das ações educativas, o mediador capaz de repensar, realizar, pesquisar e ensinar, saberes e práticas” (FONSECA, 2006, p. 137). Metodologias e práticas trabalhadas com a História oral tendem a dar uma nova roupagem a História contada nos livros didáticos, mudando a concepção de ver o mundo e a compreensão do aluno enquanto indivíduo em uma sociedade.

Ainda no primeiro capítulo é apresentado como a memória e a História contribuem para o ensino de História na contemporaneidade. Nos dias de hoje (2018) busca-se aproximar o aluno de um contexto histórico que traga significado para sua vida prática. Busca-se uma conexão íntima entre o pensamento e a vida, pois “[...] a consciência humana está relacionada imediatamente com a vida humana prática” (RÜSEN, 2001, p. 57). Nessa perspectiva, a memória como fonte oral, vem a ser uma metodologia de ensino em História que preenche essa lacuna entre a História e a vida do aluno, que muitas vezes se sente deslocado do contexto histórico, como não pertencente a essa História contada nos livros.

No segundo capítulo é apresentado um breve histórico do município de São Félix do Xingu e da Escola Professora Carmina Gomes, lugares envolvidos na realização deste trabalho, e como o estudo do local e do cotidiano pode contribuir para o ensino de História. O estudo do local pode produzir reflexões acerca da realidade que vivemos da diversidade cultural, das identidades, das desigualdades sociais e econômicas que podem ser registradas e transmitidas aos outros.

No terceiro capítulo é apresentado um relato sobre o desenvolvimento da pesquisa, as informações e dados obtidos. O trabalho foi realizado com a turma do 7º ano, composta por 30 alunos. Foi realizada uma oficina com eles e partir de então começamos realizar as entrevistas com os moradores mais velhos da localidade. Neste capítulo apresentamos, também, uma cartilha, confeccionada a partir das narrativas (tradições que são passadas pela oralidade) dos moradores de mais idade da cidade de São Félix do Xingu. Essa cartilha foi confeccionada pelos alunos como produto final do nosso trabalho, a partir das narrativas e ilustrações dos alunos. Para Rüsen (2001) a narrativa expressa o resultado intelectual na qual a consciência histórica se forma e fundamenta todo o pensamento histórico e todo conhecimento histórico científico. Para a questão da especificação buscada na narrativa como constituição de sentido sobre a experiência do tempo, é relevante a distinção tradicional entre narrativa ficcional e não ficcional (RÜSEN, 2001, p. 61-62). A narrativa constitui, especificamente, a consciência histórica na medida em que recorre à lembrança para interpretar as experiências do tempo. Essa relação é a base da distinção entre narrativa historiográfica e a ficcional, as lembranças devem ser pensadas de forma que se tratam sempre da experiência no tempo, das mudanças temporais passadas.

Para Meihy & Holanda (2017, p. 41) o “[...] calendário, as festividades, os rituais de passagens, as cerimônias cíclicas, as motivações abstratas de tragédias eventuais, doenças endêmicas ou epidêmicas, são matéria da tradição oral”. Viver junto ao grupo, estabelecer condições de apreensão dos fenômenos de maneira a favorecer a melhor tradução possível do universo mítico do segmento é um dos segredos da tradição oral (MEIHY & HOLANDA, 2017, p. 40). As tradições orais, na pesquisa, têm a intenção valorizar a oralidade através da memória das pessoas mais velhas do lugar de vivência dos alunos, mantendo o respeito para com aquelas pessoas que tiveram pouco ou nenhum contato com a escrita, e, no caso deste trabalho, dinamizar o Ensino de História em uma escola de ensino fundamental de São Félix do Xingu - PA.

CAPÍTULO I – PANORAMA SOBRE A HISTÓRIA ORAL E SUAS POTENCIALIDADES

1.1 BREVE HISTÓRICO

A História oral, aqui vista como uma metodologia de ensino em História, tem trazido grandes contribuições para o estudo da História contemporânea. “A História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da História contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita” (ALBERTI, 2015, p. 155). O renascimento da História oral no século XX foi povoado de muitas críticas, “influenciados pelas censuras dos historiadores documentalistas” (THOMSON, 2006, p. 66). Apesar dos entraves, para Alberti (2015), o marco do início da História oral ‘moderna’ é 1948, com a invenção do gravador a fita e a formação, na Columbia University Oral History Research Office, do programa de História Oral da Universidade de Columbia, em Nova York.

A primeira geração de historiadores de História oral surgiu nos Estados Unidos, nos anos 50 (JOUTARD, 2006, p. 45):

Sua preocupação principal era coligir material para o uso de gerações futuras com base em entrevistas realizadas, em sua maioria, com personalidades destacadas da História norte-americana, homens públicos que tiveram participação reconhecida na vida política, econômica e cultural do país. (ALBERTI, 2015, p. 156).

Na Europa também surgiram “algumas experiências relacionadas ao que hoje chamamos de História oral, como a coleta de relatos de chefes da Resistência Francesa no imediato pós-guerra, ou a transcrição de testemunhos sobre a Segunda Guerra mundial, na Alemanha” (ALBERTI, 2015, p. 156). No México, em 1950, o Instituto Nacional de Antropologia começou a registrar as recordações dos chefes da Revolução Mexicana (1910-11), “trabalho que foi realizado por Alicia Oliveira e Eugenia Meyer nas décadas de 1960 e 1970” (ALBERTI, 2015, p. 157).

Na década de 1960, com o aperfeiçoamento do gravador portátil, as ‘entrevistas de História de vida’, eram frequentes, “com membros de grupos sociais que, em geral, não deixavam registros escritos de suas experiências e formas de ver o mundo”. (ALBERTI, 2015, p. 157). Era uma História, dos ‘povos sem História’ (JOUTARD, 2006, p. 45).

Para Alberti (2015, p. 157):

Foi a fase conhecida da História oral 'militante', praticada por pesquisadores que identificavam na nova metodologia uma solução para 'dar voz' às minorias e possibilitar a existência de uma História 'vinda de baixo'. Esses pesquisadores procuravam diferenciar-se da linha seguida pelo Columbia History Office, que privilegiava o estudo das elites, e, por isso mesmo, passou a ser visto como exemplo daquilo que não se deve fazer. Nessa época, fizeram sucesso, nos Estados Unidos e na Europa, publicações que reproduziam entrevistas realizadas com camponeses e trabalhadores, sobre sua trajetória e sua vida cotidiana. Na França, chegou a ser publicado uma coleção com o nome sugestivo de 'Vivências como relatos desse tipo. Esse *bom* da História oral na década de 1960 acabou marcando bastante a própria metodologia: suas práticas e a forma como passou a ser vista por historiadores e outros cientistas.

O reconhecimento do registro da vivência de grupos minoritários foi, sem dúvida, um grande avanço para as ciências humanas.

Mas seu reconhecimento só foi possível após amplo movimento de transformação dessas ciências, que, com o tempo, deixaram de pensar em termos de uma única História ou identidade nacional, para conhecer a existência de múltiplas Histórias, memórias e identidades em uma sociedade. (ALBERTI, 2015, p. 158).

A História oral chegou ao Brasil em meados da década de 1970. Em 1975 foi realizado o I Curso Nacional de História Oral, organizado pelo subgrupo de História Oral do Grupo de Documentação em Ciências Sociais (GDSCS), com representantes de quatro instituições: a Biblioteca Nacional, o Arquivo Nacional, a Fundação Getúlio Vargas e o Instituto Brasileiro de Biblioteca e Documentação. Como desdobramentos do curso começaram a ser realizadas as primeiras entrevistas do Programa de História Oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas, que tinha como proposta inicial:

Estudar a trajetória e o desempenho das elites brasileiras desde a década de 1930. A ideia era examinar o processo de montagem do Estado brasileiro como forma, inclusive, de compreender como se chegou ao regime militar (1964-85) então vigente. Com as entrevistas, procuravam-se conhecer os processos de formação das elites, as influências políticas e intelectuais, os conflitos e as formas de conhecer o mundo e o país. (ALBERTI, 2015, p. 160).

Na década de 1980, no Brasil foram criados vários núcleos de pesquisa e programas de História oral voltado para diferentes objetivos e temas de estudo. Em

1994 foi realizado o II Encontro Nacional de História Oral, no Rio de Janeiro, e nesse momento foi criada a Associação Brasileira de História Oral (ABHO), que a partir de então vem promovendo debates e encontros regionais e nacionais. No III Encontro Nacional, percebe-se uma participação cada vez maior de historiadores ligado à academia, e um crescente “número de estudos voltados para as camadas populares, sendo retomada assim uma antiga tradição da História oral”. (FERREIRO; AMADO, 2006, p. 10).

Para Lozano (2006, p. 15-16):

O estudo da oralidade veio sendo ensaiado a partir da antropologia, no âmbito da pesquisa dos processos de transmissão das tradições orais, principalmente aquelas pertencentes a sociedades rurais, onde os modos de transmissão e conhecimento ainda transmitem, de maneira relevante, pelos caminhos da oralidade. A tradição oral foi, então, um objeto de conhecimento constitutivo do *corpus* teórico da antropologia e também um meio de aproximar e interpretação das culturas abordadas. Mas a questão da oralidade ultrapassou o campo específico da antropologia, e agora é objeto de estudo de outras disciplinas, como é o caso, atualmente, da corrente historiográfica denominada ‘História oral’.

Além das contribuições da Antropologia, a História Oral também é interdisciplinar, e se beneficia do diálogo com a Literatura, a Sociologia, a Ciência Política e outras áreas de conhecimento. “O fato de uma pesquisa de História oral ser interdisciplinar por excelência constitui, pois, mais um fator que favorece hoje sua aceitação por parte de historiadores e cientistas sociais” (ALBERTI, 2015, p. 164).

A História oral é hoje um caminho interessante para se conhecer e registrar múltiplas possibilidades que se manifestam e dão sentido a formas de vidas e escolhas de diferentes grupos sociais, em todas as camadas sociais. Nesse sentido, ela está afinada com as novas tendências de pesquisas nas ciências humanas, que reconhecem as múltiplas influências a que estão submetidos os diferentes grupos no mundo globalizado. (ALBERTI, 2015, p. 164).

A História Oral, apesar de ser um caminho interessante de trabalho no estudo da História, não é uma metodologia fácil e requer todo um planejamento e preparo. “Como forma de saber, a História oral é um recurso atento ao uso do conhecimento da experiência alheia, que se organiza com nítida vocação para a essência de trajetória humanas” (MEIHY; HOLANDA, 2017, p. 73).

Para Alberti (2015, p. 165):

Preparar uma entrevista, contatar o entrevistado, gravar o depoimento, transcrevê-lo, revisa-lo e analisá-lo leva tempo e requer recursos financeiros. Como em geral um projeto de pesquisa em História Oral pressupõe a realização de várias entrevistas, o tempo e os recursos necessários são bastante expressivos. Por essa razão, é bom ter claro que a opção pela História oral responde apenas a determinadas questões e não é solução para todos os problemas.

É necessário, então, ter todo um conhecimento sobre essas especificidades e etapas que norteiam o uso das fontes orais como metodologia de História oral, da preparação das entrevistas a sua realização e tratamento.

1.2 FONTES ORAIS NA PESQUISA DE HISTÓRIA

“Fonte oral é o registro de qualquer recurso que guarda vestígios de manifestações da oralidade humana” (MEIHY; HOLANDA, 2017, p. 13). Muitos confundem História oral com fonte oral; a fonte oral é só um aparato da História oral e a realização da entrevista se transformará em um documento oral.

Entrevista em História oral é a manifestação do que se convencionou chamar de documentação oral, ou seja, suporte material derivado de linguagem verbal expressa para esse fim. A documentação oral quando apreendida por meio de gravação eletrônica feitas com propósito de registrar torna-se *fonte oral*. A História oral é uma parte do conjunto de fontes e sua manifestação mais conhecida é a entrevista. (MEIHY; HOLANDA, 2017, p. 14).

Quando se pensa em um projeto de História oral é necessário ter conhecimento dos procedimentos que envolvem esse tipo de pesquisa. Para Alberti (2015), o trabalho de produção de fontes orais pode ser dividido em três momentos: preparação das entrevistas (inclui o projeto de pesquisa e a elaboração dos roteiros das entrevistas), sua realização e seu tratamento.

O projeto é o ponto de partida, “e o guia, que preside a noção de História oral como algo além do ato de gravação de uma ou mais entrevistas sem articulação, fica aberto o desafio do planejamento continuado com etapas definidas, calibradas e evolutivas” (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p. 68). O projeto deve ser claro e o uso da metodologia da História oral, adequada, ter uma visão sobre o tema estudado, das

narrativas dos entrevistados, que tipo de pessoas serão entrevistadas, se uma ou mais pessoa.

“Os projetos de História oral diferem dos demais por tratar de matéria que se relaciona com as pessoas, seres vivos, alcançáveis, que se valem de narrativas decorrentes da memória que é sempre: dinâmica, variável e, sobretudo seletiva” (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p. 69). Daí necessidade de todo um planejamento e conhecimento a priori do que se pretende estudar em um projeto de História oral.

Para realização das entrevistas é necessário um roteiro geral que embasará os roteiros individuais dos entrevistados.

O roteiro geral tem dupla função: sistematiza os dados levantados durante a pesquisa exaustiva sobre o tema e permite a articulação desses dados com as questões que impulsionaram o projeto, orientando, dessa forma, as atividades subsequentes. Ele deve reunir um cronograma minucioso do tema tratado, análises sobre o assunto e dados sobre documentos considerados centrais, como leis, atas, manifestos etc. Ao longo da pesquisa, o roteiro geral sofrerá alterações, incorporando-se-lhe informações e interpretações obtidas nas entrevistas e em outras fontes. (ALBERTI, 2015, p. 176).

Após a elaboração do roteiro geral, deve-se elaborar um roteiro individual, em seguida entrar em contato com o entrevistado, para consultá-lo sobre a possibilidade de conceder a entrevista, explicar sobre os objetivos da pesquisa e o método de realização da entrevista. Informa-se que será solicitada a assinatura de um documento permitindo a utilização da entrevista pelo entrevistado, assim como seu nome quando da publicação.

A entrevista de História oral requer todo um preparo, uma vez que o entrevistador vai lidar com pessoas com experiências e vivências diferentes. Isso pode requer tempo e imparcialidade. Para Alberti (2015, p. 178):

A entrevista de História é, antes de mais nada, uma relação entre pessoas diferentes, com experiências diferentes e muitas vezes de gerações diferentes. Em geral, o entrevistado é colocado diante de uma situação *sui generis*, na qual é solicitado a falar sobre sua vida a uma pessoa quase estranha e ainda por cima diante de um gravador ou câmara. **Por isso convém reservar um tempo relativamente longo para realização da entrevista.** Um depoimento de menos de uma hora de duração dificilmente rende tudo o que poderia. Em geral considera-se que a duração de uma sessão deve ser de aproximadamente duas horas, mas há sessões que se estendem por mais tempo. Muitas vezes ocorre de entrevistado e entrevistador encontrarem-se várias vezes, como no caso das entrevistas de História de vida.

Realizar uma entrevista não é uma tarefa fácil, o entrevistador tem que estar atento a todas as etapas que norteiam a entrevista. Paralelamente a realização da entrevista é interessante ter um caderno de campo, para registro das expressões da entrevista e análise do andamento do mesmo.

Após a realização das entrevistas, “o tratamento das entrevistas gravadas em uma pesquisa de História oral depende do que foi definido no projeto inicial com relação ao destino do material produzido” (ALBERTI, 2015, p. 180), neste caso se será direcionada ao público, em áudio, vídeo ou escrito. No último caso, na transcrição da entrevista é necessário disponibilização de tempo e atenção. “Muitas vezes é necessário passar o texto transcrito por um trabalho de conferência de fidelidade, que consiste em ouvir novamente toda a entrevista e conferir se o que foi transcrito corresponde ao que foi gravado”. (ALBERTI, 2015, p. 180).

A História Oral é um recurso inovador. As narrativas (entrevistas) correspondem a uma metodologia usada para elaboração de registros, documentação, arquivamento e estudos, no esforço de recuperar as experiências humanas que normalmente estão invisíveis na documentação histórica tradicional e de considerar essas fontes como evidências. A História Oral é sempre uma História do tempo presente.

1.3 GÊNEROS NARRATIVOS EM HISTÓRIA ORAL

Os gêneros narrativos em História oral são um dos pontos que diferenciam a História Oral das entrevistas convencionais, e que são especificados nos projetos em História oral. Para Meihy e Ribeiro (2011), os gêneros narrativos em História oral, são basicamente quatro: História Oral de vida; História Oral testemunhal; História Oral temática e Tradição Oral.

História Oral de vida trata de uma narrativa de longo curso, com começo, meio e fim, e narra às experiências vividas de uma pessoa. “A História oral de vida, ao trabalhar com experiência, sugere entendimento do espaço pessoal, subjetivo, e supõem-se que haja também um roteiro muito menos factual e mais vinculado a alternativas pessoais através de impressões, medos, sentimentos, sonhos (MEIHY; RIEBEIRO, 2011, p. 84). A História Oral de vida vai além dos fatos, mas admite-se fantasias, delírios, silêncios, omissões e distorções, “pois não é uma busca a

verdade e sim a versão sobre a moral existencial” (MEIHY; RIEBEIRO, 2011, p. 83). Essas narrativas dependem da memória, que pode ter impressões diversas e até contradições da fala, nesta questão a subjetividade se faz importante.

A História Oral testemunhal caracteriza-se por narrativas de vivências traumáticas “e de consequências graves, a História oral testemunhal, mais do que documentar e permite análises, dimensiona ações voltadas ao estabelecimento de políticas públicas inerentes à ‘reparação” (MEIHY; RIEBEIRO, 2011, p. 85). Ganhou maior destaque a partir de abordagens modernas, de fatos traumáticos de vários países, que começaram a ver a importância dessas narrativas e a relevância desses testemunhos para as sociedades contemporâneas.

A História oral testemunhal se faz imperiosa em caso de entrevistas com pessoas ou grupos que padeceram torturas, agressões físicas relevantes, ataques, exclusões, marcas que ultrapassam a individualidade. Por afetar gerações ou interferir no andamento das relações sociais, esses eventos merecem tratamentos especiais e justificam o ‘trabalho de memória’, que ganha condição de dever social. (MEIHY; RIEBEIRO, 2011, p. 86).

Entrevista com pessoas que tenham passado por algum trauma merecem cuidados, ética, é preciso deixar o narrador à vontade, nesse caso melhor valorizar os estímulos do que perguntas objetivas, dando mais condição de escolha para o entrevistado.

A História Oral temática é que mais se aproxima dos trabalhos acadêmicos e confunde História Oral com documentação tradicional, muitos trabalhos usam os produtos da entrevista como se fosse apenas mais um documento, na busca de esclarecimentos ou como técnica. “Quase sempre, em História oral temática, equipara-se o uso da documentação oral ao das fontes escrita” (MEIHY, RIEBEIRO, 2011, p. 88). Usada mais para dialogar com outros documentos, as entrevistas são vistas mais com constatação e perde parte de sua subjetividade.

Quase sempre, a História oral temática equivale à formulação de documentos que se opõem às situações estabelecidas. A contundência faz parte da História oral temática que se explica no confronto de opiniões firmadas. Assim, por natureza, a História oral temática é sempre de caráter social e nela as entrevistas não se sustentam sozinhas ou em versões únicas. (MEIHY, HOLANDA, 2017, p. 38)

Usada como técnica ou metodologia nos projetos de História oral, busca esclarecer situações conflitantes, polêmicas, contraditória. O entrevistador deve se

preparar antes com instruções sobre o tema abordado. O questionário aqui se torna uma peça fundamental para a aquisição dos detalhes analisados.

A tradição oral se caracteriza pela transmissão de Histórias através de várias gerações, não “[...] se limitando apenas a entrevista, a tradição oral trabalha com o pressuposto do conhecimento do outro em suas possibilidades mais dilatadas” (MEIHY; HOLANDA, 2017, p. 40). Os resultados com trabalhos de tradição oral são menos imediatos que os demais, requer observação e uma participação constante. Os entrevistados são pessoas que possuem mais idade e tem conhecimento das tradições orais do seu grupo. “Ainda que a tradição oral também implique entrevista com uma ou mais pessoas vivas, ela remete às questões do passado longínquo que se manifestam pelo que chamamos de folclore e pela transmissão gerencial, de pais para filhos ou de indivíduos para indivíduos”. (MEIHY; REIBEIRO, 2011, p. 92). A tradição oral sofre interferência dos mitos, das crenças, visões de mundo e outros que estão presentes nas tradições orais do grupo.

A tradição oral foi objeto de conhecimento teórico da antropologia, mas o estudo da oralidade ultrapassou o campo específico da antropologia, tornando-se objeto de estudo de outros campos, no caso da História oral.

O estudo da oralidade veio sendo ensaiado a partir da antropologia, no âmbito da pesquisa dos processos de transmissão das tradições orais, principalmente aquelas pertencentes a sociedades rurais, onde os modos de transmissão e conhecimento ainda transitam, de maneira relevante, pelos caminhos da oralidade. (LOZANO, 2006, p. 15).

Nestes campos, “historiadores e antropólogos vêm convergindo de muitas formas em suas abordagens da reconstrução histórica, salientando a necessidade de aliar o interesse antropológico em categorias culturais, cosmologias e símbolos ao controle disciplinado dos registros escritos por parte dos historiadores” (CRUIKSHANK, 2006, p. 140).

A História se interessou pelo estudo da oralidade, pois essa metodologia se fundamenta no esforço de recuperar as experiências daqueles que muitas vezes não aparecem nos documentos oficiais de História. “A História interessou-se pela ‘oralidade’ na medida em que ela permite obter e desenvolve conhecimentos novos

e fundamentar análises históricas com base na criação de fontes inéditas ou novas.” (LOZANO, 2006, p. 16).

A tradição oral é uma das mais complexas formas de se trabalhar com História Oral, pois se baseia na busca dos mitos fundadores e explicações não racionais. “A complexidade da tradição oral reside no conhecimento do outro nos detalhes auto-explicativos de sua cultura” (MEIHY; HOLANDA, 2017, p. 40). A tradição oral, não se limita apenas na entrevista, exige conhecimentos profundos do conjunto mitológico no qual a comunidade organiza sua visão de mundo.

A tradição oral, no caso, deve revelar além das estruturas e comportamentos do grupo a noção de passado e presente daquela cultura. Ainda que a tradição oral também implique entrevista com uma ou mais pessoas vivas, ela remete às questões do passado longínquo que se manifesta pelo que chamamos de folclore e pela transmissão geracional, de pais para filhos ou de indivíduos para indivíduos. (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p. 92).

Os trabalhos com a tradição oral são de resultados mais lentos, pois exigem uma observação constante do grupo, a entrevista deve abranger uma pessoa que tem um grau maior de vivências e experiências na comunidade, mais velha. “Nesse tipo de pesquisa o sujeito é mais coletivo e menos individual, e por isso a carga da tradição comunitária é mais prezada e presente porque continuada” (MEIHY, RIBEIRO, 2011, p. 93).

A tradição oral para explicar o presente, faz a retomada de aspectos transmitidos por outras gerações, muitas vezes herdados dos pais, dos avós e dos mais velhos e considerada como um bem valioso que deve ser guardado e preservado para as gerações futuras.

1.4 MEMÓRIA E HISTÓRIA

Na atualidade são inúmeros os projetos que visam registrar, através da memória, relatos orais, experiências de vidas, sejam testemunhos, História de vida, tradições orais ou temáticas. “As sociedades contemporâneas passaram a ter uma verdadeira ‘obsessão pela memória’” (FERREIRO, 2006, p. 195). No campo do ensino de História, a História oral pode contribuir para estudos e reflexões acerca da sociedade, cultura e identidade.

Para Frisch (2006, p. 75):

Nesse contexto, as Histórias orais ocupam o primeiro plano no conjunto mais amplo de estudos inovadores sobre História social e cultural que tiveram profundo impacto revisionista sobre conceitos de processo e explicação históricos, mesmo em áreas tradicionais como a da História diplomática e política.

“O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da História” (LE GOFF, 2013, p. 390). Algumas sociedades ainda possuem pessoas e grupos que não dominam a escrita e usam a oralidade para passar seus conhecimentos, suas tradições. “No estudo histórico da memória histórica é necessário dar uma importância especial às diferenças entre sociedade de memória essencialmente oral e de memória essencialmente escrita, como também às fases de transição da oralidade para a escrita” (LE GOFF, 2013, p. 390).

É no pós-guerra que o estudo da memória começa a ganhar um novo significado. “Os anos do imediato pós-guerra, quando a memória começa a toma forma” (PORTELLI, 2006, p. 73), os projetos testemunhais, inauguram essa nova fase dos estudos da memória e da oralidade. Esses projetos, segundo Ferreiro (2006), são um dever da memória. “A ideia central postula a necessidade de se preservar a memória do que ocorreu com o objetivo de tentar evitar futuras manifestações de autoritarismo e desrespeito aos direitos humanos”. (FERREIRO, 2006, p. 199).

Outro marco importante no retorno dos estudos com a memória é a criação do Instituto de História do Tempo Presente (IHTP), que segundo seu fundador, François Brédarida (2006, p. 219), nesse momento há “o retorno vigoroso da História e da memória, uma busca ansiosa de identidade, a crise dos paradigmas das ciências, enfim um presente cheio de incertezas em relação a si mesmo e ao futuro”. O renascimento do estudo da memória recebe críticas, principalmente pelos historiadores documentalistas tradicionais.

Para Thomson (2006, p. 66):

O principal alvo dessas críticas era a memória não ser confiável como fonte histórica porque era distorcida pela deterioração física e pela nostalgia da velhice, por preconceitos do entrevistador e do entrevistado e pela influência de versões coletivas e retrospectivas do passado.

O estudo da atualidade, pelos historiadores do tempo presente tem lançado um novo e desafiador olhar sobre a História do contemporâneo, “Uma vez que o historiador do tempo presente se confronta com a atualidade, seu olhar tem um raio relativamente curto” (RÉMOND, 2006, p. 208). Os historiadores do tempo presente são contemporâneos daqueles que são investigados, entrevistados e os recursos documentais são imensuráveis.

Para Chartier (2006, p. 215):

Apesar dos sérios obstáculos que limitam a comunicação de arquivos públicos, a abundância da produção escrita, sonora, visual e informática acumulada pelas sociedades contemporâneas, bem como a possibilidade que tem o historiador do contemporâneo de produzir ele mesmo seu arquivo parecem prometer um maná sempre renovado.

Os historiadores modernistas do final do século XX e início do XXI, contam com recursos documentais que parecem inesgotáveis, pois são contemporâneos daqueles que lhes narra à vida. Para Rousso (2006), memória é a presença do passado, sendo assim de interesse dos historiadores do contemporâneo, fonte que possibilita alternativas para o poder estabelecido e novas reflexões acerca da História em toda sua dimensão.

Ao situarem a memória simultaneamente como fonte de alternativa e resistência vernaculares ao poder estabelecido e como objeto de manipulação ideológica hegemônica por parte das estruturas do poder cultural e político, os historiadores fizeram muito mais do que simplesmente incorporar a memória à sua coleção de ferramentas, fontes, métodos e abordagens. A própria memória coletiva vem se convertendo cada vez mais em objeto de estudo: ela tem sido entendida, em todas as suas formas e dimensões, como uma dimensão da História com uma História própria que pode ser estudada e explorada. (FRISCH, 2006, p. 77).

A memória como fonte, principalmente a memória coletiva tem sido objeto de estudo de muitos pesquisadores. Para Frisch (2006, p. 75) “a memória coletiva passou a fazer parte dos estudos históricos por muitos meios e formas”. Este ainda destaca que:

Não se trata apenas de entender as dimensões da memória coletiva no contexto da História, mas sobre tudo de entender como a historicização formal e autoconsciente vem se transformando numa dimensão cada vez mais importante do como lembramos o passado e entendemos sua relação com a vida e a cultura contemporânea. (FRISCH, 2006, p. 75).

O estudo da memória coletiva no contexto da História contribui para uma maior compreensão do passado e como esse passado é lembrado e está relacionado com o presente. “A evolução das sociedades, na segunda metade do século XX, elucida a importância do papel que a memória coletiva desempenha” (LE GOFF, 2013, p. 435). A História Oral, a memória, possibilitam as sociedades orais ou em fase de transição do oral para o escrito de reescreverem suas Histórias dando-lhes um novo significado.

Para Le Goff (2013, p. 435):

São as sociedades cuja memória social é sobretudo, oral, ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita, aquelas que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória.

A memória como fonte de conhecimento possibilita uma reinterpretação do passado das sociedades humanas ao longo do tempo, permite outras leituras das vivências coletiva e social de sua História. É importante ressaltar que a memória individual está povoada do imaginário coletivo. A História oral, não permite apenas uma reinterpretação da memória individual, mais uma rememoração que necessariamente se associará a memória coletiva. “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje.” (LE GOFF, 2013, p. 435).

A memória através da História Oral permite uma reinterpretação dos lugares de memória e a construção da identidade social em diferentes espaços temporais e sociais, dando um novo significado para o lugar de vivência.

Para Le Goff (2013, p. 433), os lugares de memória são:

‘Lugares topográficos, como arquivos, as bibliotecas e os museus; lugares monumentais como os cemitérios ou as arquiteturas; lugares simbólicos como as comemorações, as peregrinações, os aniversários ou os emblemas; lugares funcionais como os manuais, as autobiografias ou as associações: estes memoriais têm a sua História’. Mas não podemos esquecer os verdadeiros lugares da História, aqueles onde se devem procurar não a sua elaboração, não a produção, mas os criadores e os denominadores da memória coletiva: ‘Estados, meios sociais e políticos, comunidades de experiências históricas ou de gerações, levadas a constituir os seus arquivos em função dos usos diferentes que fazem da memória’.

Os lugares de memória podem ser definidos pela comunidade, muitas vezes pelos lugares mais antigos. Essa memória, definida pela comunidade, pode ser construída pela *seleção de alguns lugares da memória* como, por exemplo, associação e grupos culturais, um monumento natural, artesanato, fotos, eventos, lendas, um lugar público de destaque, um monumento e muitos outros (RANZI, 2000, p. 34-35). Os lugares de memória são referências, que produzem uma rememoração e trazem significados que podem aflorar a partir do contato com estes lugares.

1.5- A HISTÓRIA DO LUGAR E DO COTIDIANO NO ENSINO DE HISTÓRIA

O estudo da História do lugar e do cotidiano nem sempre esteve presente nos nossos currículos escolares. O ensino de História nas escolas de ensino fundamental brasileiras, até o século XIX, estava articulado a História europeia, de forma que:

O ensino de História na escola fundamental brasileira esteve, desde sua inclusão nos programas escolares (século XIX), fortemente articulado às tradições europeias, sobretudo à historiografia francesa. Durante o século XIX e início do século XX, privilegiava-se o ensino da História Universal. O ensino de História do Brasil era visto em conjunto com a História Universal numa posição secundária. Essa concepção curricular ficou conhecida, entre nós, como ‘europocêntrica’ ou ‘eurocentrismo’. Ou seja, a história a partir de um centro – a História da Europa. (FONSECA, 2010, p. 17).

A “História local e do cotidiano” é um dos eixos temáticos propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de História para os anos iniciais do ensino fundamental, que remetem à compreensão do papel da escola e da dinâmica escolar em relação aos saberes históricos nela transmitidos e produzidos. Em relação a esses saberes históricos os Parâmetros Curriculares Nacionais afirmam que:

[...] o ensino e a aprendizagem de História estão voltados, inicialmente, para atividades em que os alunos possam compreender as semelhanças e as diferenças, as permanências e as transformações no modo de vida social, cultural e econômico **de sua localidade, no presente e no passado, mediante a leitura de diferentes obras humanas.** (PCNs apud FONSECA, 2010, p. 30). (grifo nosso)

Apesar de toda uma discussão sobre o papel ocupado pelo ensino de História nos anos iniciais do ensino fundamental, no que se refere ao trabalho com História local e do cotidiano, este ainda não é visto como uma tarefa fácil. Durante anos “as intenções das elites dominantes, controladoras da difusão do conhecimento oficial, sobretudo nos períodos ditatoriais no Brasil, eram explícitos nos currículos e materiais educativos” (FONSECA, 2010, p. 114). O local e o regional eram usados como forma de mascarar os conflitos presentes na sociedade. A diversidade do nosso país é complexa, com grandes diferenças regionais, além de todos esses fatores acima citados que se refletem nos dias de hoje.

Fonseca (2010) destaca algumas dificuldades que ainda são recorrentes ao trabalhar o estudo do local com crianças e jovens:

- a fragmentação rígida dos espaços e tempos estudados não possibilita que os alunos estabeleçam relações entre os vários níveis e dimensões históricas do tema. O bairro, a cidade, o Estado (Unidades da Federação onde se situa a escola) são vistos, muitas vezes como unidades estanques, dissociadas do resto do País ou do mundo;
- a naturalização e ideologização da vida social e política da localidade. O homem aparece como elemento da população ou membro de uma comunidade abstrata. O conceito de comunidade, por exemplo, é amplamente utilizado, de forma que pode servir para mascarar a divisão social, a luta de classe e as relações de poder, dominação e resistência que permeiam os grupos locais;
- o espaço reservado ao estudo dos chamados aspectos políticos. Ressaltam-se, por exemplo, temas recorrentes nos currículos oficiais de alguns municípios: ‘a origem e a evolução do município e do Estado’, ‘os vultos, pessoas que contribuíram para o progresso da cidade, da região’. Nesta perspectiva, o bairro, o município, o Estado ou a região têm um destino linear, evolutivo, pautado pela lógica dos vultos, de heróis, figura políticas, pertencentes às elites locais ou regionais que ‘fizeram o progresso’ da região;
- as fontes de estudos, os documentos disponíveis aos professores, em geral, são constituídos de dados, textos, encartes, matérias produzidos pelas prefeituras, órgãos administrativos locais, com o objetivo implícito ou explícito de difundir a imagem de grupos detentores de poder político ou econômico. Assim, professores e alunos, muitas vezes, têm como fontes de estudo evidências que visam à preservação da memória de grupos da elite local. (FONSECA, 2010, p. 119 apud FONSECA, 1992; 2003).

Todas essas dificuldades acabam por deixar o trabalho com a História do lugar em um segundo plano, e muitas vezes os grupos dominantes se aproveitam da situação para produzir documentos para divulgarem suas imagens.

Outra dificuldade enfrentada no trabalho com o local e o regional está relacionada aos livros didáticos, do quais “quase 50% das obras inscritas foram

reprovadas” (FONSECA, 2010, p. 122). Os livros didáticos são um importante apoio pedagógico para o professor e alunos, no entanto, a mediação do conhecimento histórico pelo professor pode fazer toda a diferença no uso do material didático.

Apesar das dificuldades apresentadas, o estudo do local, do regional e cotidiano pode ter um papel decisivo na construção da memória, a escola e o cotidiano da sala de aula pode possibilitar uma relação de respeito e valorização do meio em que se vive, respeitando as diversidades e na construção das identidades. Pois:

O local e o cotidiano da criança e do jovem constituem e são constitutivos de importantes dimensões do viver – logo, podem ser problematizados, tematizados e explorados no dia a dia da sala de aula, com criatividade, a partir de diferentes situações, fontes e linguagens [...]. A memória das pessoas, da localidade, dos trabalhos, das profissões das festas, dos costumes, da cultura, das práticas políticas está viva entre nós. Nós professores temos o papel de juntos com os alunos auscultar o pulsar da comunidade, registrá-los, produzir reflexões e transmiti-los a outros. A escola e as aulas de história são lugares de memória, da História recente, imediata e distante. (FONSECA, 2010, p. 125).

O trabalho com História Oral no local e no cotidiano do aluno possibilita um maior contato com o meio em que vive, além de perceber que o local em que vive faz parte de um contexto global. Para Fonseca (2006), o ensinar e aprender História devem ser construídos no diálogo, na experiência cotidiana, em um trabalho que valorize a diversidade e a complexidade, de forma ativa e crítica. O estudo do local produz reflexões acerca da realidade que vivemos, da diversidade cultural, das identidades, das desigualdades sociais e econômicas que podem ser registradas e transmitidas aos outros.

As fontes orais são uma proposta metodológica que privilegiam os estudos do local e do cotidiano, “o professor pode incorporar fontes escritas e orais, que permitem realizar trabalhos educativos, sem perder de vista os diversos aspectos da realidade histórica” (FONSECA, 2010, p. 130). Trabalhar com fontes orais requer toda uma preparação, seleção do que vai ser proposto, clareza das propostas metodológicas que se quer usar em sala de aula.

Para Schmidt e Cainelli (2010, p. 140):

O trabalho com a história local no ensino da História facilita, também, a construção de problemáticas, a apreensão de várias histórias lidas com base em distintos sujeitos da História, bem como de histórias que foram

silenciadas, isto é, que não foram institucionalizadas sob a forma de conhecimento histórico. Ademais, esse trabalho pode favorecer a recuperação de experiências individuais e coletivas do aluno, fazendo-o vê-las como constitutivas de realidades históricas mais ampla e produzindo um conhecimento que, ao ser analisado e retrabalhado, contribui para a construção de sua consciência histórica.

Neste sentido as fontes orais favorecem e possibilitam desenvolver habilidades e atitudes de investigação, problematização, questionamentos, análise e respeito aos diferentes pontos de vista. Este trabalho é, também, interdisciplinar, podendo estar presente nos estudos de língua portuguesa, geografia, artes, etc. Para Fonseca (2010, p. 132):

Os alunos são motivados a levantar os testemunhos vivos, as evidências orais da História do lugar, buscando explicações: porque esta situação é assim? Por que isto mudou e aquilo permaneceu? As interrogações sobre o local em que vivem podem levar à busca de sentido, à compreensão do próximo e do distante no espaço e no tempo.

O Ensino de História, além da sala de aula, pode dar um maior significado aquilo que se aprende a partir da realidade do aluno, relacionando os conteúdos ensinados ao cotidiano vivido, como em diferentes espaços, os alunos podem refletir sobre seu cotidiano, e como esse cotidiano no passado interferiu na vida de outras pessoas.

Quando aprendem História, os alunos estão realizando uma leitura do mundo onde vivem e, assim, o tempo presente pode se tornar o maior laboratório de estudo para a aprendizagem em História, pois é neste tempo, com as memórias que são preservadas, que o aluno começa a entender que a História também se faz presente nas praças, nos monumentos, nas festas cívicas, nos nomes de ruas e colégios. (SCHMIDT; CAINELLI, 2010, p. 150).

O Ensino de História atualmente, busca a conexão íntima entre o pensamento e a vida, na qual as operações da consciência histórica são reconhecidas como produtos da vida prática concreta (RÜSEN, 2001, p. 58). Ensino este que valorize a vivência, o conhecimento da sua História pelo aluno, percebendo-se como sujeito do processo histórico. A consciência histórica é a realidade a partir da qual se pode entender o que a História é, como ciência, e por que ela é necessária. (RÜSEN, 2001, p. 56).

Para Rüsen, a consciência histórica fundamenta a 'ciência' da História, sendo analisada conforme a consciência humana se relaciona intimamente com a vida

humana prática. Sendo a consciência histórica a capacidade dos homens de interpretarem suas experiências da evolução temporal de seu mundo e de si mesmo de tal forma que possa orientar sua vida prática no tempo, agindo intencionalmente.

A consciência histórica esta fundada nessa ambivalência antropológica: o homem só pode viver no mundo, isto é, só consegue relacionar-se com a natureza, com os demais homens e consiga mesmo se não tomar o mundo e a si mesmo como dados puros, mas sim interpreta-los em função das intenções de sua ação e paixão, em que se representa algo que não são. (RÜSEN, 2001, p. 57).

Para Rüsen o homem necessita estabelecer um quadro interpretativo do que experimenta com a mudança de si mesmo e de seu mundo ao longo do tempo. Assim seu agir vai além. Também em perspectiva temporal a consciência histórica é, assim, a relação dinâmica pelo qual a experiência do tempo e intenção no tempo se realizam no processo da vida humana (RÜSEN, 2001, p. 58). A consciência histórica é o trabalho mental realizado pelo homem e as interpretações das experiências do tempo tencionam o seu agir.

O ato constitutivo da consciência histórica, que consiste na interpretação da experiência do tempo com respeito a intenção quanto ao tempo, pode ser descrito, por recursos a distinção básica entre duas qualidades temporais, como transformação intelectual do tempo natural em tempo humano. (RÜSEN, 2001, p. 57).

A interpretação do tempo pelo homem evita que este se perca nas mudanças de seu mundo e de si mesmo. O pensamento histórico é, por conseguinte, ganho de tempo, e o conhecimento histórico é o tempo ganho (RÜSEN, 2001, p. 60). Para Rüsen a narrativa expressa o resultado intelectual na qual a consciência histórica se forma e fundamenta todo o pensamento histórico e todo conhecimento histórico científico, logo:

Para a questão da especificação buscada da narrativa como constituição de sentido sobre a experiência do tempo, é relevante a distinção tradicional entre narrativa ficcional e não ficcional, distinção essa que bem deve corresponder a autocompreensão da maioria dos historiadores. (RÜSEN, 2001, p. 61-62).

De acordo com Rüsen, essa distinção é composta de três princípios que especificam o pensamento da narrativa histórica como constitutiva da consciência histórica. A primeira (1) especificação da narrativa constitui a consciência histórica na medida em que recorre à lembrança para interpretar as experiências do tempo. Essa relação é a base da distinção entre narrativa historiográfica e a ficcional, as lembranças devem ser pensadas de forma que se tratam sempre da experiência do tempo, de suas mudanças temporais passadas.

O passado é então como uma floresta para dentro da qual os homens, pela narrativa histórica, lançam seu clamor, a fim de compreender, mediante o que dela ecoa o que lhes é presente sob a forma de experiência do tempo (mas precisamente: o que mexe com elas) e poderem esperar e projetar um futuro com sentido. (RÜSEN, 2001, p. 62).

Na perspectiva de Rüsen a consciência histórica pela narrativa não se limita a recuperação do passado pela lembrança. Seja de que modo que a consciência penetre no passado, esse retorno no passado é sempre dado pelas experiências do tempo presente, pois:

A apreensão do passado operada pelo pensamento histórico na consciência histórica baseia-se na circunstância de que as experiências do tempo presente só podem ser interpretadas como experiências, e o futuro apropriado como perspectiva de ação, se as experiências do tempo forem relacionadas como as do passado, o que se processa na lembrança interpretativa que as faz prescrito. (RÜSEN, 2001, p. 63).

Nessa perspectiva para constituição da consciência histórica requer-se uma correlação expressa do presente com o passado, ou seja, uma narrativa intelectual que pode ser identificada e descrita como narrativa (História). (RÜSEN, 2001, p. 63-64). Na sequência:

A (2) segunda especificação da narrativa como fundamento do conhecimento histórico na vida prática fica clara quando se examina mais de perto o processo referido, no qual a memória é propriamente induzida pela narrativa (História) (RÜSEN, 2001, p. 64).

A narrativa constitui a consciência histórica à medida que representa as mudanças temporais do passado relacionadas ao presente direcionando a uma expectativa do futuro.

Com isso a expectativa do futuro vincula-se diretamente à experiência do tempo presente e por essa relação com o presente, articula-se diretamente com as expectativas do futuro que se formulam a partir das intenções e das diretrizes do agir humano. (RÜSEN, 2001, p. 64).

Para Rüsen existe uma íntima dependência entre passado, presente e futuro que é concebida como uma representação da comunidade e serve como orientação à vida humana prática atual (RÜSEN, 2001, p. 64). A narrativa histórica organiza essas três dimensões temporais formando uma unidade integrada, mediante a qual justamente constitui-se a consciência histórica. (RÜSEN, 2001, p. 64). Por fim:

(3) Uma terceira especificação na narrativa como operação intelectual decisiva para constituição da consciência histórica dá-se quando se pergunta pelos critérios determinantes das representações da continuidade. (RÜSEN, 2001, p. 65).

Neste sentido a expressão do tempo mediante a narrativa histórica acaba que revelando a identidade daquele que dá um sentido a narrativa (História), também marcada pela intenção básica do narrador de atingir seu público e não se deixar perder nas mudanças de si mesmo e de seu mundo, mas de manterem-se seguros e firmes no fluxo do tempo. (RÜSEN, 2001, p. 66). As interpretações das mudanças temporais pelos homens os tornam seguros de si e de seu tempo, não tendo receio de perde-se, ou se envolver nelas pelo o agir.

A resistência dos homens à perda de si e seu esforço de autoafirmação constituem-se como identidade mediante representações de continuidade, com as quais relacionam a experiência do tempo com as intenções do tempo: a medida da plausibilidade e da consciência dessa relação, ou seja, o critério de sentido para a constituição de representação abrangentes da continuidade e a permanência de si na evolução do tempo (RÜSEN, 2001, p. 66).

Para Rüsen, a consciência histórica constitui-se da relação do homem com o tempo (passado, presente e expectativa de futuro): a experiência do tempo conduzirá o agir do homem na sua vida prática. As narrativas históricas são

formulações de continuidade, no qual o homem expressara sua identidade, por meio da memória, e inserido, como determinação de sentido, no quadro da vida prática.

Nessa perspectiva buscaremos destacar algumas memórias e narrativas de São Félix do Xingu, como um caminho para explorar a história local e possibilidade de estimular o ensino de História.

1.6 MEMÓRIAS E NARRATIVAS POR MEIO DA HISTÓRIA ORAL EM SÃO FÉLIX DO XINGU

A utilização da História oral como metodologia para registrar as Histórias dos moradores (homens e mulheres) de São Félix do Xingu representa uma forma de valorizar a memória e a recordação dessas pessoas que viveram épocas anteriores. Nesse sentido a “[...] História oral, portanto, não seria apenas uma tentativa de reconstituição e de resgate da memória individual, mas sim uma rememoração” (Figueira; Miranda, 2012, p. 56). Essas rememorações estão intimamente ligadas com a identidade do grupo, de modo que “a memória é essencial a um grupo porque está atrelado à construção de sua identidade” (ALBERI, 2015, p. 167). A memória é resultado de uma organização e seleção do que é importante para sua identidade. O uso da memória no trabalho com a História oral pode dar sentido a nossa existência social.

As narrativas refletem a memória que temos de tempos e eventos passados, ainda que estes não existam mais na forma como guardamos na memória. Essas narrativas podem contribuir para uma valorização da oralidade, uma vez que em nossa sociedade houve um afastamento da tradição oral.

Assim, esta pesquisa trabalhou com os alunos a partir das narrativas de moradores mais velhos, que tratam das Histórias dos costumes que ouviram ou aprenderam com outras pessoas, de modo que “o ato de memória que se manifesta no apelo à tradição consiste em expor, inventado se necessário” (CANDAU, 2016, p. 122).

Muitas dessas narrativas estão presentes no imaginário dos entrevistados, tidas como parte de sua História e merecem ser preservadas para as gerações futuras e respeitadas por aqueles que só valorizam a História oficial. O contado desses entrevistados, das narrativas, pode ressignificar a própria História do aluno e sua forma de ver a História estudada nos livros didáticos, como também contribuir para a História do local.

CAPÍTULO II - SÃO FÉLIX DO XINGU: CONTEXTUALIZAÇÃO DA CIDADE E DA ESCOLA

2.1 BREVE HISTÓRICO

São Félix do Xingu, hoje (2018) com uma população de 124. 806 habitantes, de acordo com o IBGE/ 2017. Fez parte de Altamira até 1962, quando se tornou município.

Imagem 01 – Vista área de São Félix do Xingu



Fonte: Evandro Corrêa/O Liberal

Essa região, como toda a Amazônia, a partir da década de 70 foi alvo do Governo Federal, naquele momento comandado por um regime militar, para resolver problemas econômicos do país, incentivando o povoamento e a exploração dos recursos naturais da região, cuja propaganda oficial da época era fornecer aos 'homens sem-terra à terra sem homens'. (SCHMINK, WOOD, 2012, p. 35). Para isso criou políticas e projetos de colonização para realizar os assentamentos dos colonos, que nem sempre conseguiam atender a demanda da grande quantidade de famílias que se viam atraídas pela propaganda do Governo Federal. Assim:

Colonos assentados pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) em Marabá, Altamira e Itaituba enfrentaram numerosos problemas, especialmente no escoamento de produção para o mercado. Os

projetos de colonização, no entanto, continuaram a atrair migrantes de todas as partes do Brasil, que chegavam ao Pará em números que excediam a capacidade do INCRA em absorvê-los nas comunidades planejadas. (SCHMINK, WOOD, 2012, p. 36).

Além da distribuição de lotes de terra por parte do governo, dos incentivos fiscais, foi financiada a construção de estradas, como a Rodovia Transamazônica, com quase cinco mil de quilômetros de extensão, planejada para ligar o Norte com o restante do Brasil.

Todas as políticas de incentivos financeiros para região Amazônica refletiram no estado do Pará, no nosso caso, no sul do Pará. As cidades mais velhas dessa região são Marabá e Conceição do Araguaia, ligadas pela construção da PA-150, e a partir daí surgiram mais quatro novas cidades. Xinguara, localizada no cruzamento com a PA-150, surgiu no momento em que os operários da construção puseram-se a trabalhar na construção da estrada PA-279. “Rumo ao oeste, situam-se as cidades gêmeas de Ourilândia e Tucumã”. (SCHMINK, WOOD, 2012, p. 191). Outra cidadezinha que apareceu nessa mesma direção foi Água Azul, “que surgiu a setenta quilômetros a oeste de Xinguara” (SCHMINK, WOOD, 2012).

Nessa região, Marabá, Conceição do Araguaia e São Félix do Xingu, foram fundadas as margens de rios importantes como Tocantins, Araguaia e Xingu, ambas no auge da extração do látex. O:

[...] látex natural vinha sendo extraído da área desde meados do século XIX, mas foi apenas no auge do comércio da borracha, ao final daquele século, que os seringueiros fundaram povoados nas margens médio Tocantins e ao logo dos rios Araguaia e Xingu. O sistema de aviamento logo alcançou os mais distantes rincões e estimulou o estabelecimento das primeiras rotas terrestre de suprimentos, conectando bacias de rios separados por centenas de quilômetros um dos outros. (SCHMINK; WOOD, 2012, p. 195).

Até a construção dessas importantes estradas, essas localidades tinham como principal vias de acesso os rios. Tanto a PA-150, como a PA-279, contribuíram para uma maior migração para essa região. Outra estrada que começou a ser construída na década de 50 foi Belém-Brasília, também com o objetivo de ligar o Norte ao restante do Brasil, mas a estrada só chegou ao sul do Pará em 1960.

À medida que a estrada avança lentamente rumo ao norte, levas de migrantes chegavam a Goiás e a Mato Grosso. Pequenos produtores eram empurrados pelos grandes investidores que, gradualmente, monopolizaram

as terras mais acessíveis ao longo das estradas. (SCHMINK; WOOD, 2012, p. 202).

Muitos desses migrantes vieram na construção dessas estradas, novas possibilidades de conseguir um lote de terra e “deslocaram-se rumo à porção norte do sul do Pará, juntando-se aos nordestinos que tinham lá chegado antes do auge da borracha” (SCHMINK; WOOD, 2012, p. 202).

São Félix do Xingu é um município localizado no final da PA – 279, no Estado do Pará, as margens dos Rios Xingu e Fresco, que muito contribuíram para a origem da localidade. Terras de índios, que aos poucos iam sendo ocupadas por seringueiros, pescadores e castanheiros, muitos de origem indígena e nordestina. O rio era a única rota de saída e de chegada. Mercadorias e pessoas, além daqueles que seu único meio de transporte era a pé. O Rio Xingu sempre teve uma influência muito grande na vida dos primeiros moradores de São Félix do Xingu, que antes da municipalização era conhecido como Boca do Rio.

Com a construção da PA – 279 até São Félix, a partir da década de 70, muitas pessoas começaram a migrar para o município em busca de melhor condição de vida. As famílias migrantes, que viajaram pela PA-279, vinham na esperança de encontrar um lote de terra para cultivar, depois de serem expulsas por várias vezes de terras ao longo da PA. (SCHMINK; WOOD, 2012). Esses migrantes eram posseiros, madeireiros, garimpeiros, além de mineradoras que começaram a disputar terras no município.

A economia do município, como de toda a região, tem sido pautada em ciclos econômicos. São Félix do Xingu, por ser um lugar de difícil acesso no início de sua formação, desenvolveu economia fortemente ligada ao extrativismo natural, passando pela extração do látex natural, do caucho, da coleta da castanha do Pará, ao comércio de peles de animais silvestres, como a lontra gigante do rio, a onça pintada, os gatos maracajá, e por último, a extração do mogno e da folha de jaborandi, além das atividades extrativas de subsistência, como a caça e a pesca. Desse modo:

Os residentes de São Félix integravam tipicamente as atividades extrativas como a caça e pesca de subsistência. Apesar da dádiva dos bons solos na área, a produção agrícola era mínima e restrita a cultura de subsistência, como arroz, feijão, mandioca e milho, além de algumas frutas (como banana e cítricos), produzidos em pequenas áreas. (SCHMINK; WOOD, 2012, p. 358).

Com a construção da estrada e o aumento do fluxo migratório a paisagem do município ganha outros ares. As casas feitas de taipa e cobertas de palha foram sendo substituídas pelo tijolo, o cimento e a telha Brasilit¹, além de problemas com saúde, educação e saneamento básico.

O influxo de migrantes, principalmente oriundos do Nordeste e Centro-Oeste, aumentou o tamanho da cidade e mudou a composição social de sua população. O centro transformou-se rapidamente num distrito comercial e novos bairros residenciais surgiram nas redondezas. A qualidade da habitação melhorou, basicamente devido às novas serrarias que se instalaram na cidade produzindo material de construção. (SCHMINK; WOOD, 2012, p. 427).

Todas essas mudanças trouxeram novos hábitos na forma de viver da população ribeirinha. O extrativismo de subsistência permaneceu como setor importante, mas o trabalho assalariado se tornou uma nova fonte de renda. A alimentação, a base de peixe e farinha de mandioca e alguns produtos enlatados trazidos de Altamira pelo rio, até então único meio de chegada de alimentos, melhorou com a chegada da estrada, substituindo o tradicional sistema de abastecimento feito pelo rio, porém, os preços dos produtos de subsistência continuavam altos.

Além do extrativismo natural e de subsistência que ainda é presente no município, agora bem menos, São Félix do Xingu vem sofrendo impactos ambientais históricos por meio da atuação de madeireiras, mineradoras, garimpos e da agropecuária, que ainda são uma ameaça presente para os povos que ainda vivem do extrativismo de subsistência na região do Rio Xingu. Disputas pela terra, ouro e madeira tiveram lugar à medida que a estrada avançava rumo ao oeste do estado, com conflitos ainda constantes na região do rio Xingu.

A Igreja Católica local exerceu grande influência na organização social da comunidade de São Félix. A partir da década de 70 a igreja trazia alimentos básicos (arroz, feijão, farinha, açúcar, margarina, sabão, leite em pó e óleo de cozinha) de Altamira, pelo Rio, e vendia na cidade a preço de custo mais o transporte e o imposto, chegou, inclusive, à montar uma cooperativa. “A cooperativa foi fundada com 48 membros e chegou até 412 membros e operava sob a supervisão da igreja”

¹ Uma marca de telhas de fibrocimento, muito usada na região.

(SCHMINK; WOOD, 2012). Com a presença da cooperativa os comerciantes locais começaram a baixar os preços dos produtos e a cooperativa foi perdendo associados, o sistema de abastecimento de alimentos melhorou e a cooperativa foi desativada. Das Comunidades Eclesiais de Base (CEBS), que forneciam trabalho voluntário na cooperativa, apenas seis membros continuaram com os trabalhos. As CEBS voltaram sua atenção para problemas relacionados à saúde e a conflitos de terras.

No cenário político, São Félix do Xingu tem sua separação definitiva de Altamira em 1961. Com a criação do município, apesar do grande fluxo migratório para o local, o povo sempre procurou eleger pessoas que fossem filhos do Xingu ou que lá a muito residissem, e tivessem uma História com o lugar. “O fluxo de recém-chegados mudou o caráter da política local em São Félix do Xingu, mas os velhos residentes da vila não perderam seu poder imediatamente e continuaram a exercer sua influência” (SCHMINK; WOOD, 2012, p. 370).

A presença do rio, com a pesca e as atividades extrativas na floresta, a caça e coleta natural mantinham uma íntima relação com o imaginário da população ribeirinha, com histórias que eram contadas por aqueles viviam e juravam ter presenciado tais ocorrências, como a da Boiuna, cobra grande que atacava as embarcações, principalmente no período da noite; a história do Capelôbo, que segundo contam, era um índio que de tão velho havia se tornado um bicho que perseguia caçadores, pescadores e quem mais passasse em seu caminho, matando e comendo as vítimas. Histórias como essas ainda são contadas pelas pessoas mais velhas, que usam a tradição oral como uma forma de manter vivo o que sabem. Também muitas delas estão escritas em um livrinho *Lendas e Contos do Xingu*, do primeiro historiador do município, o senhor Wilson da Silva Nunes². Outro escritor que deixa relatos das histórias contadas por aqueles que viveram e sentiram na pele o medo das lendas que pairavam no imaginário da população ribeirinha, o senhor Luiz Ferreira Santana³. Assim:

A Região do Xingu é cheia de surpresas, que vão desde o místico até a ficção, dos fatos a realidade. Os filhos desta terra queiram ou não, são

² Nascido em 12 de junho de 1929 em São Félix do Xingu-PA, foi garimpeiro, castanheiro, soldado da borracha, e é considerado o primeiro historiador do município, entre seus livros estão *Memórias do Xingu* e *Lendas e contos do Xingu*.

³ Escritor nascido em 21 de junho de 1921 em São Félix do Xingu-PA, foi funcionário público, vereador e vice-prefeito deste município. Tem um livro publicado, intitulado *São Félix do Xingu e sua História*, que trata da história do município de 1889 a 1997.

verdadeiros historiadores, pois escuta-se no cotidiano, com muita precisão, dos mais velhos aos mais jovens, as 'histórias', as memórias deste rincão xinguano. (CASTRO apud NUNES, 2006, p. 3).

Grande parte da população da época era de analfabetos ou semianalfabetos e a oralidade era o único meio de narrarem suas histórias. Ainda hoje (2018) muitos daqueles que ouviam essas narrativas guardam consigo e não perdem a oportunidade de contá-las. E oportunizá-lo é uma forma de manter viva a tradição oral de um povo que pouco usa a escrita. As pessoas mais velhas do Xingu vêm de uma tradição de valorização dos mais velhos, segundo um dos entrevistados, quando morre uma dessas pessoas, o Xingu chora pela perda de grande saberes e com elas suas histórias já quase esquecidas pelas novas gerações.

Além de histórias que são contadas pelos moradores mais velhos ainda temos comidas como o peixe, a caça, a farinha, o açaí, o cupuaçu, a castanha do Pará, que fazem parte da tradição alimentar de muitos moradores da cidade. O festejo do padroeiro, São Félix, realizado em 20 de novembro, é uma comemoração que ocorre todos os anos. A semana dos povos indígenas ocorre no mês de abril, nesta festa, vários povos indígenas vêm a cidade com exposição de artesanatos e danças. Também dentre as principais comemorações, o aniversário da cidade é comemorado no dia 10 de abril e as festas juninas são realizadas pelas escolas municipais todos os anos, com danças e comidas típicas.

2.2 A ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL PROFESSORA CARMINA GOMES

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Carmina Gomes encontra-se localizada na Avenida Juarez Xingu, no centro do município de São Félix do Xingu. É uma instituição pública, que de acordo com o PPP, objetiva a formação integral do educando a partir da interação dos agentes envolvidos no processo educacional.

Imagem 02 – Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Carmina Gomes



Fonte: Joelma da Silva Santos, 2017.

A denominação “Professora Carmina Gomes” é uma homenagem à primeira professora a prestar serviços educacionais, na década de 1930, no município de São Félix do Xingu, efetivada pelo Estado. Iniciaram-se as atividades educativas dessa unidade no ano de 1980, ligada à Escola Marechal Rondon, sob a direção da 1ª Dama do Município, a Senhora Maria Luiza Mesquita. Conseqüentemente, esta foi sua primeira diretora. Neste período a escola contava com duas salas de aula, uma cozinha e um banheiro, onde funcionavam turmas de primeiro grau.

Em função da quantidade de alunos prontos para fazerem o ensino de 2º grau (denominação da época) no município, em 1987, passou a funcionar a primeira turma dessa modalidade de ensino com o curso profissionalizante Técnico em Contabilidade, nas dependências da Escola Municipal Jardim da Infância Celeste, onde ficou pelo período de um ano. Desta forma a escola mudou à denominação para Escola de 1º e 2º graus Carmina Gomes. A construção de mais salas possibilitou o retorno dos alunos e a implantação também do curso de Magistério em 1990.

Com a municipalização do Ensino Fundamental a escola se divide e passa a ter duas nomenclaturas e dois órgãos mantenedores: a SEDUC, que mantém a Escola Estadual de Ensino Médio, e a SEMEC, a Escola Municipal de Ensino Fundamental.

O prédio, que pertencia ao município, no acordo de municipalização, foi doado ao Estado e o Ensino Fundamental passou a funcionar apenas no turno vespertino no prédio cedido, mas ambas continuaram sendo geridas pela mesma diretora.

Em 2008 ocorreu o primeiro processo democrático de escolha de diretor na Escola de Ensino Fundamental, com a eleição da Professora Nádia Fernanda Barbosa Ribeiro, que já exerce o seu segundo mandato, sendo o mandato de quatro anos no município. No ano seguinte iniciou-se o processo de implantação do Ensino Fundamental de nove anos.

Atualmente a Escola tem sede própria e conta com 457 alunos. A equipe de professores é constituída por: dois professores de Língua Portuguesa, três de matemática, dois de História, dois de Geografia, dois de Ciências, dois de Educação Ambiental, três de Artes, três de Ensino Religioso, um de Estudos Amazônicos, dois de Redação e dois de Educação Física. Todos tem licenciatura na área que atuam ou em pedagogia, e atendem o Ensino Fundamental I e II. Na equipe de apoio está a diretora, a coordenadora, os guardas, merendeiras e serventes.

O espaço físico da escola foi projetado e em parte financiado pelo FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação), com seis salas de aula, um laboratório de informática que não funciona, uma biblioteca, uma sala dos professores, um banheiro para professores, banheiros para alunos, uma cozinha, uma dispensa, uma sala para educação especial, uma secretaria, uma sala para a direção e um pátio.

Ao analisar o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, percebe-se que a mesma não tem nenhum projeto que trate de temas da localidade ou região, mas com a presença deste trabalho de pesquisa, já há uma discussão por parte dos professores em acrescentar temas de valorização da História local.

Apesar do PPP não contemplar temas que tratem da localidade, a disciplina de Estudos Amazônicos, que tem uma aula de 45 minutos semanais e faz parte da estrutura curricular diversificada, trabalha mais voltada para região como um todo, o que ainda deixa a desejar no trato com a História do município.

2.3 A ESCOLA E LEGISLAÇÃO EDUCACIONAL DO MUNICÍPIO

A educação no município é organizada pela SEMED (Secretaria Executiva Municipal de Educação). Existe um Regimento Interno das Escolas Municipais (2014) que diz no seu artigo 1º e Parágrafo Único:

Art.1º- As Escolas Municipais mantidas pela Prefeitura Municipal de São Félix do Xingu-PA reger-se-ão técnicas e administrativamente pela secretaria Executiva de Educação, sediada à Av. Constantino Viana, nº 533, Bairro Centro, CNPJ 054213000001-68.

Parágrafo único – A organização administrativa, didática e disciplinar dos estabelecimentos de Ensino da Rede Pública do Município de São Félix do Xingu é regulamentada pelo presente Regimento nos termos da legislação em vigor. (Regimento Interno das Escolas Municipais de São Félix do Xingu-PA, 2014, p. 01).

A estrutura curricular do ensino fundamental de 1º ao 9º, é composta de uma base comum nacional, de acordo com a LDB nº 9394/96, com as seguintes disciplinas: Língua Portuguesa, Artes, Educação Física, Ensino de História e Geografia (para as séries iniciais), Geografia, História, Ciências (para as séries iniciais), Ciências Físicas e Biológicas, Matemática, Ensino Religioso. Na parte diversificada de acordo com a resolução nº 001/2010 – CEE/PA é composta pelas seguintes disciplinas, Língua Estrangeira, Educação Ambiental e Estudos Amazônicos e regulamentadas pelo Regimento Interno.

O município não possui um conselho Municipal de Educação, parte de sua legislação e baseada no conselho Estadual de Educação do estado do Pará e suas resoluções, como a 001, de 05 de janeiro de 2010, que de acordo com sua Ementa: “Dispõe sobre a regulamentação e a consolidação das normas estaduais e nacionais aplicáveis à Educação Básica no sistema Estadual de Ensino do Pará”. (Resolução 001, de janeiro de 2010, p. 01), que complementa a legislação do município em alguns casos.

O município também conta com o Plano Municipal de Educação (2015-2025). “Este documento tem como objetivo apresentar o diagnóstico socioeducativo de São Félix do Xingu, metas e estratégias para os próximos dez anos (2015-2025)”. Este plano está em fase de desenvolvimento.

No que diz respeito à organização das escolas, como dias letivos e propostas pedagógicas, segue-se um calendário letivo⁴, que é organizado pela Semed, gestores das escolas municipais, coordenadores e técnicos pedagógicos e por representantes dos trabalhadores em educação (SINTEPP). O currículo das escolas, de certa forma, segue as propostas do calendário letivo, com planejamentos anuais das disciplinas escolares, encontros pedagógicos, conselho de classe e projetos pedagógicos. Com relação às práticas pedagógicas as escolas, se organizam de acordo com realidade e necessidades da escola. O livro didático é escolhido pelos professores de acordo com a disciplina que ministram, de três de três anos. O que nem sempre contempla todos os alunos, por não vir na quantidade de alunos por turmas, apesar de vim de acordo com o senso escolar das escolas difícil mente contempla a todos.

2.4 – SOBRE OS ALUNOS

A turma que participou da pesquisa é bem heterogênea, sendo 18 meninas e 12 meninos com idade entre 12 e 17 anos. É composta de alunos que moram tanto na zona rural como zona urbana, sendo 16 na zona urbana e 5 na zona rural, que vem no transporte escolar fornecido pela SEMED.

Segundo questionário⁵ aplicado esta turma, nas horas vagas disponíveis a maioria procura fazer as tarefas escolares. Questionados sobre a família, a maioria da turma mora com o pai e a mãe, contando de três a cinco pessoas na casa. A escolaridade dos pais varia, a maioria estudou até o oitavo ano. Na sua maioria os pais trabalham no campo, enquanto a mãe trabalha só em casa mesmo, a renda familiar fica entre um a dois salários mínimos, e todos moram em casas próprias.

Quando questionados sobre a disciplina de História, a maioria diz que estuda porque gosta se interessam mais pela História no geral e consideram o estudo da História muito importante para as suas vidas. O recurso didático mais usado, mas aulas são os livros de história, e algumas fontes históricas são vistas a partir do próprio livro didático. Gostam de estudar a História principalmente com visita a lugares históricos e através do livro didático.

⁴ Devido ao município ser muito extenso, com grande diversidade e realidades diferentes, possui três calendários letivos; o Calendário letivo da Zona Urbana, da Zona Rural e o Indígena.

⁵ O questionário se encontra nos apêndices do trabalho.

Quando questionados se consideravam pertencentes a História do lugar em que vivem ou do país, a maioria disse que sim. E o conhecimento histórico serve, segundo seu ponto de vista, para aprender sobre o passado, o que aconteceu no passado.

O que se percebe com relação ao ensino de História pelos alunos que é uma disciplina importante pra suas vidas, porém, ainda deixa muito a desejar, praticamente só se usa o livro didático. Equipamentos eletrônicos até existem em algumas escolas, mas não tem espaço adequado para usar. Por isso penso que o professor de História tem que estar sempre incorporando diferentes fontes e linguagens no ensino de História, de forma que o aluno se perceba enquanto cidadão.

A formação do aluno/cidadão se inicia e se processa ao longo de sua vida em diversos espaços de vivências. Logo, devemos considerar e incorporar, sem culpa e sem medo, diversos meios, matérias, vozes, índices que contribuem para a produção do conhecimento e aprendizagem histórica. (FONSECA, 2010, p. 173).

A experiência de trabalhar com fontes orais e a História do lugar de vivência do aluno é um recuso didático possível de ser trabalhado em qualquer ano ou série da educação básica.

O trabalho com a história local no ensino da História facilita, também, a construção de problematizações, a apreensão de várias histórias lidas com base em distintos sujeitos da História que foram silenciadas, isto é, que não foram institucionalizadas sob a forma de conhecimento histórico. Ademais, esse trabalho pode favorecer a recuperação de experiências individuais e coletivas do aluno, fazendo-o vê-las como constitutivas de uma realidade histórica mais ampla e produzindo um conhecimento que, ao ser analisado e retrabalhado, contribui para a construção de sua consciência histórica. (SCHMIDT; CAINELLI, 2010, p. 140).

O trabalho realizado com fontes orais, com a turma do 7º ano, mostrou, dentre outras coisas, que a experiência para os alunos é muito gratificante, tiveram contato com os entrevistados, ouviram atentamente, perceberam que a História também se faz no tempo presente, e que a memória também pode guardar muitas experiências dos tempos vividos que não são encontrados nos livros didáticos.

Todos se destacaram na realização dos trabalhos, tanto os meninos como meninas, como foi falado antes, todas as etapas do trabalho, entrevistas, seleção das narrativas, desenhos para cartilha, foram feitos em trio ou grupos. Nesses momentos de execução das atividades, de forma colaborativa, vai se construindo um saber escolar local, significativo para os alunos e para a escola de forma geral.

2.5- A DISCIPLINA DE HISTÓRIA E O SABER ESCOLAR

Maria Auxiliadora Schmidt traz a luz uma reflexão sobre a História das disciplinas escolares, pondo em destaque a importância de se entender os saberes escolares em suas especificidades, a partir dos manuais didáticos, dos conceitos de referências e de transposições didáticas do código disciplinar.

Admite-se, ainda, a noção de cultura escolar como uma das categorias norteadoras para análise de constituição da história enquanto um conhecimento escolarizado, pois a cultura escolar pode ser considerada como um conjunto de teorias ideais, princípios, rituais, hábitos e práticas. (SCHMIDT, 2012, p. 76).

Para a autora, a especificidade do campo do ensino de História impõe a necessidade de se analisar a natureza desse conhecimento em sua relação com as culturas escolares e a cultura histórica numa perspectiva relacional e dialética. Com a institucionalização e profissionalização da História, a didática da História, isto é, a questão do seu ensino e aprendizagem, propõe uma periodização da História do ensino de História no Brasil, abordada a partir o conceito de código disciplinar.

De modo geral, a construção do código disciplinar da História no Brasil tem como marco institucional fundador o Regulamento de 1838, do Colégio D. Pedro II. Além desse marco ainda há alguns elementos do código disciplinar da História da sociedade brasileira no período. Entre eles, algumas experiências particularizadas de ensino, as presenças de certos conteúdos de História em algumas séries escolares e a produção de manuais didáticos destinados a alunos. Com uma forte influência das concepções europeia da História.

A construção da História como disciplina inscreve-se, a partir da segunda metade do século XIX, no próprio movimento e consolidação do Estado nacional, no qual se destaca o embate entre monarquistas e republicanos:

Esse movimento consolida-se com a revolução de 1930, no bojo do movimento de defesa da importância da educação para a formação da cidade e do desenvolvimento do país. (SCHMIDT, 2012, p. 79).

Na bandeira de luta dos educadores deste período, estava a necessidade da difusão da escola, principalmente a pública, a formação profissional dos novos mestres e a renovação pedagógica.

Os manuais didáticos da História destinados a formação renovada de professores consolida-se como documentos importantes para orientação das práticas pedagógicas escolares, de modo geral, e da História, em particular. A transformação do conhecimento histórico em conhecimento escolar pautou-se, sobretudo, pela imposição dos aspectos psicológicos e pedagógicos.

A partir de 1930, tem início um processo de consolidação da História, com a institucionalização da Reforma Francisco Campos, de 1931. Estas reformas apresentavam instruções metodológicas que demonstravam a construção de um ensino necessário ao cidadão, mais crítico, e também articulado ao contexto educacional da época.

Com a portaria nº 1.045, de 1951, da reforma da Escola Secundária Brasileira, cujos princípios básicos para o Ensino e História eram a valorização dos fatos do presente e deles partir para o passado. Fazendo apelo á pedagogia da Escola Nova, a portaria ressaltava e enfatizava importância do estudo da História do passado para a compreensão do presente.

A crise do código disciplinar da História foi provocada, essencialmente, pela gradativa consolidação do Ensino de Estudos Sociais no Brasil. Foi o regime militar, no governo do general Emilio Garrastazu Médici, que com a lei nº 5.692, de 1971, no qual o ensino de Estudos Sociais foi compulsoriamente tornado obrigatório e estendido para as oito séries do antigo Primeiro Grau. Esta imposição dos Estudos Sociais foi acompanhada de um grande movimento de resistência e luta pela volta do ensino de História nas escolas brasileiras, configurando um novo momento da construção do código disciplinar da História.

A reconstrução do código disciplinar da História pode ser contextualizada a partir do movimento de saída do país do período da ditadura militar e o da crítica aos Estudos Sociais, propostas que vigoravam oficialmente na escola fundamental, desde 1971. Um marco definido desse projeto de reconstrução do código disciplinar da História pode ser considerado na proposta dos parâmetros curriculares de História, encaminhada pelo Ministério da Educação aos educadores brasileiros em 1997 e 1998.

Para Ana Maria Monteiro (2007) a relação dos professores com os saberes que ensinam foi pensada e analisada, durante longo tempo, dentro do paradigma no qual o professor era um simples instrumento de transmissão de saberes produzido por outros. De acordo com esses paradigmas, os saberes não eram objeto de questionamento ou reflexão; eram definidos e organizados nos programas e currículos oriundos de uma base científico-cultural ampla, escolhidos como um “receituário” construído e fundamentado cientificamente nos conhecimentos oferecidos pela Psicologia, Psicopedagogia e Didática.

As discussões e reflexões no campo da epistemologia têm sido realizadas considerando a relatividade do conhecimento científico, ou seja, descartando a visão de que a ciência produz a única forma válida e verdadeira de conhecimento. Professores e alunos são sujeitos, portadores de visões de mundo e interesses diferenciados, que estabelecem relações entre si, com múltiplas possibilidades de apropriação e interpretação.

De acordo com a análise de Monteiro (2007), os estudos voltados para a questão do saber escolar, mais precisamente da transposição didática, começa no campo do ensino da matemática ampliando para outras disciplinas, e esta concorda com Chevallard quando define:

O conceito de transposição didática como aquele que remete a passagem do saber acadêmico ao saber ensinado e, portanto, a distância eventual, obrigatória que os separa, que dá testemunho deste questionamento necessário, ao mesmo tempo que se converte em sua primeira ferramenta. (MONTEIRO, 2007, p. 84).

O conceito de transposição didática permite então que o campo científico da didática se constitua, pois, além de definir uma ruptura, ele cria um instrumento de compreensibilidade que possibilita a realização das investigações, abrindo caminho

para uma maior reflexão sobre os saberes que são aprendidos e os que são ensinados.

Para Monteiro (2007) o conceito de transposição didática tem recebido críticas, entre elas a de que o termo nega o que se propõe a explicar: se os saberes são distintos, se o conceito propõe denunciar uma ruptura, o termo transposição parece indicar uma mudança de lugar sem mudança conceitual. Outra restrição, seja talvez, por operar no campo da matemática, que constitui um campo de conhecimento muito bem delimitado e sistematizado, refere-se exclusivamente ao saber acadêmico como única referência para a elaboração do saber ensinado.

Em sua pesquisa Monteiro (2007) trás como foco os saberes de professores de História na mobilização dos saberes que ensinam, discutindo aspectos específicos relacionados ao conhecimento historiográfico. A História tem sido entendida, estudada e ensinada em diferentes significados e objetivos. A própria concepção de História, tem uma história. O conhecimento histórico, desde suas origens esteve relacionado a memória. Assim, a dimensão pedagógica imbricada na constituição da memória coletiva, situa-se na tensão entre história, ação e prática social.

O conhecimento escolar é uma construção histórica operada em sociedade no mundo ocidental. Saberes são afirmados, outros são negados e escamoteados na constituição dos conhecimentos escolar. E são organizados de acordo com a lógica própria, educacional e escolar. As disciplinas são partes integrantes e fundamentais do processo de educação.

O conceito de História ocidental, leva em conta as questões da revelação do conhecimento histórico com a realidade. O historiador era aquele que se dedicava a esse ofício e conseguia escolher os exemplos adequados às necessidades de seu tempo. Uma profunda mudança só veio a ocorrer durante o século XVIII, principalmente a partir dos processos revolucionários que geram uma percepção de ruptura em relação ao passado, com a definição de um novo “horizonte de expectativas”.

Monteiro (2007) destaca três aspectos para a análise da História escolar envolvendo questões da dimensão pedagógica, da verdade e da narrativa. Esta última, principalmente, é uma forma de estruturação do discurso historiográfico fundamental, muito utilizado no ensino escolar e pouco (re) conhecida (vista até com muito preconceito) pelos professores.

O conceito de narrativa pode contribuir para a compreensão dos processos desenvolvidos no ensino da disciplina escolar. Na atividade desenvolvida como produto final desta pesquisa, os foram sistematizadas narrativas expressas a partir do discurso oral, ou no conjunto das propostas de atividades a serem realizadas pelos alunos, narrativas essas que se configuram, através dos conteúdos selecionados e das explicações apresentadas, no resultado de um processo que nos ajuda a compreender as dificuldades vividas por alunos e professores no contexto da sala de aula. O entendimento do conceito de transposição didática oferece subsídios para análise do saber escolar no que se refere ao ensino de História, podendo contribuir para um ensino de História que faça mais sentido, tanto para o professor como para o aluno, que vão compartilhar de seus conhecimentos.

CAPÍTULO III – EM BUSCA DAS HISTÓRIAS DE SÃO FÉLIX DO XINGU: NARRATIVAS E ORALIDADE COMO FONTES DE PESQUISA

Nos últimos anos, o ensino-aprendizagem, as metodologias, o saber escolar, os currículos, a relação professor - alunos vêm sendo discutidos e organizados para atender as necessidades da educação contemporânea. Trabalhar com o Ensino de História tem demandado toda uma discussão sobre currículo e como o saber histórico é visto e entendido. Neste sentido, como diz Ranzi que:

Trabalhar o ensino de História com documentos/fontes é uma grande demanda do presente. Debates, congressos, instituições escolares, programas oficiais recomendam trabalho com documentos/fontes e, dentre eles, encontra-se a fonte oral. Uma primeira questão a ser levada em consideração quando se trabalha com fonte oral é o domínio, pelos alunos, da dimensão temporal. A segunda questão remete à chamada transposição didática dos saberes, o que significa que, não basta somente pesquisar, fazer entrevista com pessoas da comunidade, é necessário também suscitar, com o material coletado, uma aprendizagem, um saber escolar. (RANZI, 2000, p. 38).

O trabalho com fontes, seja oral ou outras, não é fácil, mais é necessário para um ensino de História que seja significativo para o aluno. Os desafios são muitos, porém, a História do lugar, as narrativas dos moradores, se apresentam como alternativa que pode levar o aluno a perceber que a História estudada nos livros vai além da escola, “a história, que se aprende na escola, não deveria estar deslocada da vida” (RIBEIRO, 2008, p. 102). É um trabalho que às vezes parece não ser fácil, realmente não é, mas é prazeroso quando se vê o resultado. A História do lugar está ligada a História do aluno e ele pode perceber isso no trabalho com a fonte oral. Neste sentido, o trabalho de pesquisa aqui realizado foi idealizado para contribuir para o ensino História em São Félix do Xingu, como também, enquanto experimento metodológico, em outras localidades, em outras disciplinas, uma vez que o ensino é interdisciplinar. A pesquisa aqui realizada se deu em dois semestres, dentro do que estava previsto.

3.1- DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES DA PESQUISA

O primeiro passo foi fazer uma visita com a proposta da pesquisa a Escola Professora Carmina Gomes, na qual já trabalho a alguns anos, sendo muito bem recebida e com o apoio de todos quando apresentei o projeto, inclusive dos alunos do sétimo ano. Tive a oportunidade de analisar o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, constatando que, no que se refere a trabalhar projetos com temas regionais e locais, não existe nada mencionado. Agendei o primeiro encontro com os alunos no dia da aula de História.

O trabalho com os alunos do 7º ano tinha previsão de um semestre (o segundo de 2017), o qual foi concluindo no prazo previsto. No primeiro encontro houve uma conversa com a turma, no qual foi abordado o objetivo da pesquisa, quais as metas práticas e como seria desenvolvido, e perguntei se eles estavam dispostos a realizar comigo. Estes se mostraram animados. Nesse momento foi aplicado um questionário socioeconômico, com algumas questões relacionadas à disciplina de História. Então agendamos o próximo encontro.

Para o encontro fiz um plano de aula para a oficina com os seguintes objetivos:

- a) Analisar qual a importância da História oral para nossa sociedade.
- b) Qual o papel da memória nesses registros.
- c) Como as tradições orais podem ser uma fonte importante de conhecimentos.
- d) Entender como podemos, através da entrevista, registrar e guardar conhecimentos de pessoas da comunidade (mais velhas) que muitas vezes não conhecem a escrita.

Nosso encontro foi no dia da aula de História. Neste dia foi realizada uma oficina, estruturada da seguinte maneira: o que é História? Para que serve? Qual sua importância? Quais os gêneros da História Oral? Qual a importância da memória para as sociedades orais? O que é a tradição oral e sua importância? Quais os cuidados ao realizarmos as entrevistas?

Foi trabalhado sobre como as entrevistas podem ser realizadas. Para isso montamos um roteiro, um planejamento prévio do que desejávamos com essas entrevistas, definimos quais pessoas seriam entrevistadas, qual o objetivo das gravações, qual o destino dessas gravações. O local da entrevista seria de acordo

com a disposição do entrevistado. Também estipulamos um tempo de duração das gravações.

Os aparelhos escolhidos para realizar as gravações foram os celulares dos próprios alunos, que ao final da entrevista ficaram de me enviar os áudios e câmaras fotográficas que emprestei para registro de imagens. Usamos, também, um caderno de campo, onde foram registradas anotações sobre que o ocorreu nas entrevistas: dificuldades, reações do entrevistado, etc. Tratamos da importância de termos respeito e responsabilidade com as pessoas entrevistadas, que estão dispostas a lembrar fatos de suas vidas. Todo o planejamento para realização das entrevistas foi feito em trios, como também as entrevistas.

Ao realizar a oficina combinamos que alguns trios iriam realizar as entrevistas sem a minha presença. Ao retornar para fazer uma avaliação do andamento das entrevistas, percebi algumas dificuldades que os mesmos tiveram, pois o trio que iria sem a minha presença não conseguiu êxito. Então agendamos um novo encontro com seus entrevistados.

As entrevistas realizadas com a minha presença foram muito significativas, tanto para os alunos como para aqueles que narram suas Histórias, segundo um dos entrevistados esse trabalho é importante, pois as pessoas mais velhas da cidade estão morrendo e as Histórias estão morrendo com elas.

Na sequência, foram selecionadas as narrativas, feitas suas transcrições, ilustrações e produção de uma cartilha, contando com a colaboração dos professores de língua portuguesa e arte para acompanhar os alunos na execução da mesma.

3.2 – EM BUSCA DAS NARRATIVAS

A escolha dos entrevistados começou em sala de aula, não conseguimos realizar todas as entrevistas que estavam previstas, porém, das dez, realizamos oito. Todas as narrativas foram válidas, mas apenas duas foram usadas. Como falar de tradição oral é muito amplo, no início não tínhamos definido o que realmente a cartilha iria tratar. Após a definição do tema apenas duas entrevistas se destacaram com relação às Histórias lendárias que foi o tema que tratamos na cartilha. As outras narrativas tratavam de tradição oral, porém, com desatque para

alimentação, medicina popular (remédios de plantas medicinais), por exemplo, muito presente na tradição oral da região.

Dos dois entrevistados que as narrativas foram selecionadas, um é nascido no próprio local da pesquisa e guarda em sua memória muitas Histórias que seus pais contavam e demonstra muita riqueza ao narrar essas Histórias. Já o segundo entrevistado não é nascido no local, porém, através do que ouvia, conseguiu narrar acontecimentos do lugar como se os tivesse vivenciado.

As entrevistas foram realizadas na própria casa dos entrevistados, por opção própria de cada um, e duram em média uma hora e meia. O contado com os entrevistados, o ouvir as narrativas proporciona grande aprendizagem para quem ouve e confiança para quem narra.

Ao entrevistarmos pessoas de mais idade, percebemos a riqueza de experiências de vida que possuem e que muitas vezes desejam compartilhar com outras pessoas. Então, conseguir chegar às narrativas não foi muito difícil, uma vez muitos dos entrevistados desejavam que suas Histórias fossem registradas.

3.3 – DAS NARRATIVAS A CARTILHA: ESCREVENDO HISTÓRIAS

Para organizar a cartilha, conversei com a professora de artes e língua portuguesa, as quais deram muitas contribuições. A professora de língua portuguesa nos auxiliou em quais gêneros literários poderíamos produzir as Histórias, também contribuiu trabalhando esses gêneros com os alunos, assim, quando nos reunimos para definirmos as Histórias que comporiam a cartilha, ficou mais fácil decidimos como seriam narradas as Histórias, que acabaram por se aproximar mais da poesia, mais também com possibilidades de serem trabalhadas em outros gêneros literários.

A professora de artes também contribuiu com algumas colocações com relação às ilustrações, de forma que os desenhos fossem feitos a partir das narrativas, e, como podemos observar nas ilustrações, optamos por não colorir devido a exiguidade de tempo, pois a digitalização seria mais trabalhosa. Após rascunhos levamos para digitalização. Nem todos os alunos demonstraram habilidades em desenhar, porém, contribuíram com os colegas mais habilidosos com suas opiniões.

Após a montagem de textos e imagens retomei a sala com a cartilha impressa para visualizassem o resultado final do nosso trabalho. Olharam, falaram de suas contribuições e como eles gostaram e aprenderam com o trabalho.

O trabalho interdisciplinar foi significativo para o resultado final da cartilha, e é claro que a participação poderia ter sido maior, porém, o tempo (do mestrado) para realização de uma pesquisa assim é curto mas valioso para quem deseja trabalhar com essa metodologia de ensino no dia-a-dia da sala de aula, especialmente estando sem muita preocupação com tempo.

Como veremos a seguir a cartilha é composta pelo sumário, apresentação, as Histórias que foram narradas, e um glossário, pois muitas palavras que foram narradas quase não se usam mais ou são desconhecidas pelos leitores e concluímos com as referências.

3.4 A - CARTILHA...



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTÍN
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA –
PROFHISTÓRIA



PROFHISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

HISTÓRIAS DO XINGU

SÃO FÉLIX DO XINGU/PA

2018

CONTEÚDO

APRESENTAÇÃO.....	61
A ORIGEM DO XINGU.....	62
DO SERINGUEIRO O QUE RESTOU?	63
POÇÃO DA BURRA.....	64
A COBRA GRANDE.....	64
A PORCA DE BOBIS	67
O HOMEM QUE VIRAVA BODE.....	68
O ÍNDIO QUE VIRAVA BICHO	69
CAPELÔBO.....	70
GLOSSÁRIO	71
REFÊNCIAS.....	72

APRESENTAÇÃO

Esta cartilha tem como objetivo apresentar as Histórias lendárias de São Félix do Xingu-Pará, a partir das narrativas dos moradores mais velhos (homens e mulheres). Muitas dessas Histórias vem sendo passando de gerações a gerações, principalmente pela oralidade. São Histórias que estão presentes em quase todas as regiões brasileiras, mas com narrativas que ganham forma de acordo com cada região e localidade com as vivências e experiências de cada pessoa ou grupo.

Participaram deste trabalho em média 30 alunos do sétimo ano da Escola Professora Carmina Gomes. Tendo como propósito apresentar a História oral, através das tradições orais como uma metodologia de Ensino em História, destacando que este trabalho também faz parte de uma dissertação de mestrado em Ensino de História.

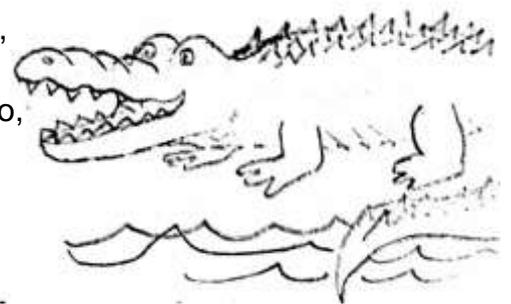
Todas as Histórias apresentadas fazem parte do imaginário de parte da população de São Félix do Xingu, no entanto, muitos jovens e pessoas vindos de outros lugares não as conhecem.

A ORIGEM DO XINGU

Há oitenta anos tudo era diferente,
São Félix já existia; mas tinha pouquinha gente,
caçando gato, borracha e tocando faísca ao vento,
jacaré, onça e castanha também andavam caçando
lugar de muita fartura de quem estava procurando
é tanto que muitos deles aqui já ficou morando,
com embarque e desembarque dos homens.



Ponto de rancharia de mariscado, castanheiros e seringueiro,
foi ponto dos regatões arrecadar seu dinheiro,
vendendo a mercadoria pra eles aqui no barco,
foi quando veio a ideia debaixo do arvoredado,
e esta foi acolhida pelo Coronel Tancredo
de bota uma roça para comer mais cedo,

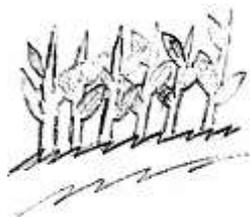


diz Tancredo aos amigos, costuma de vez falta farinha na rancharia
e plantamos mandioca só pra pegar e desmanchar.



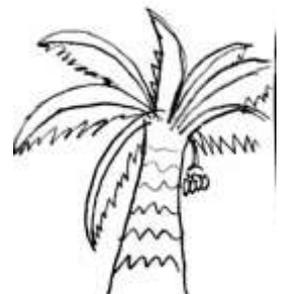
A roça deu com fartura, arroz, milho e feijão

e terminado o marsico uns falou pro patrão, agora aqui já tem roça, eu não
vou fico aqui morando e quando vocês voltarem já estou com outra roça na
mão.



para vocês se alimentarem,

dessa forma São Félix do Xingu começar neste grande Pará.



DO SERINGUEIRO O QUE RESTOU?

Do seringueiro só resta a seringa riscada,

A saudade do trabalho e as bacias furadas, As facas e as tigelas e as espingardas encostadas,

O saco encartuchado o cupim já devorou.

a canoa do trabalho a tempo se acabou,

O seringueiro ainda existe, mas sem o mínimo valor.



Onde está o esforço do soldado da borracha?

Pra manter este Brasil de produção foi um lastro,

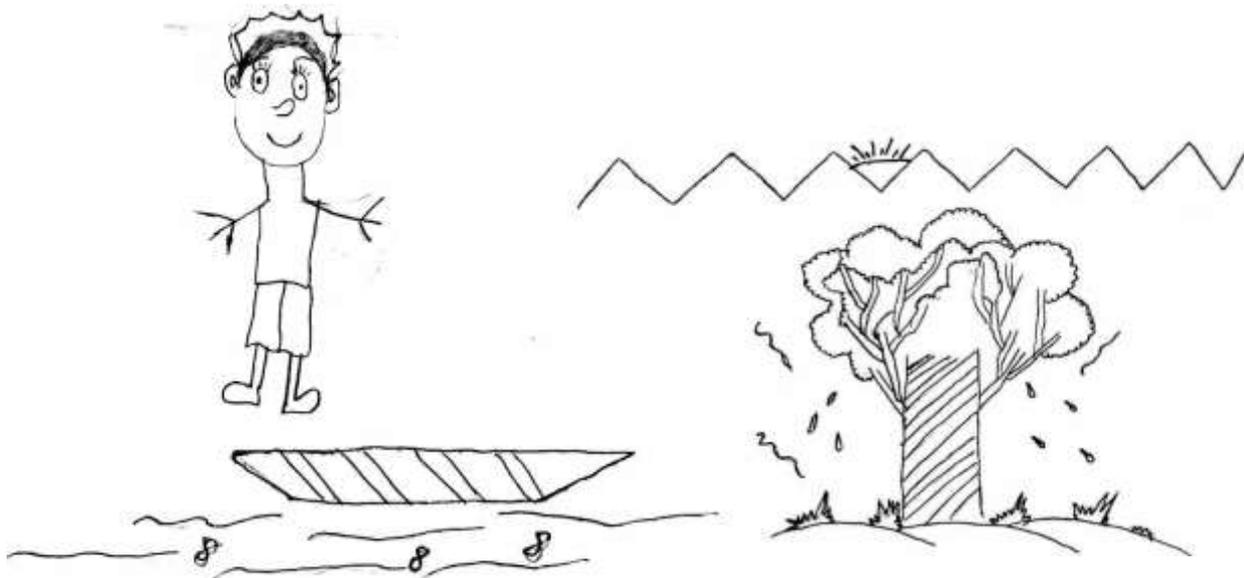


Não mediram as consequências suas vista só fumaça.



Hoje tem a pele grossa de ferrão dos borrachudos,

Outros cheios de dor aguda de tanto anda na mata, da frieza e do escuro.



POÇÃO DA BURRA

Poção da burra

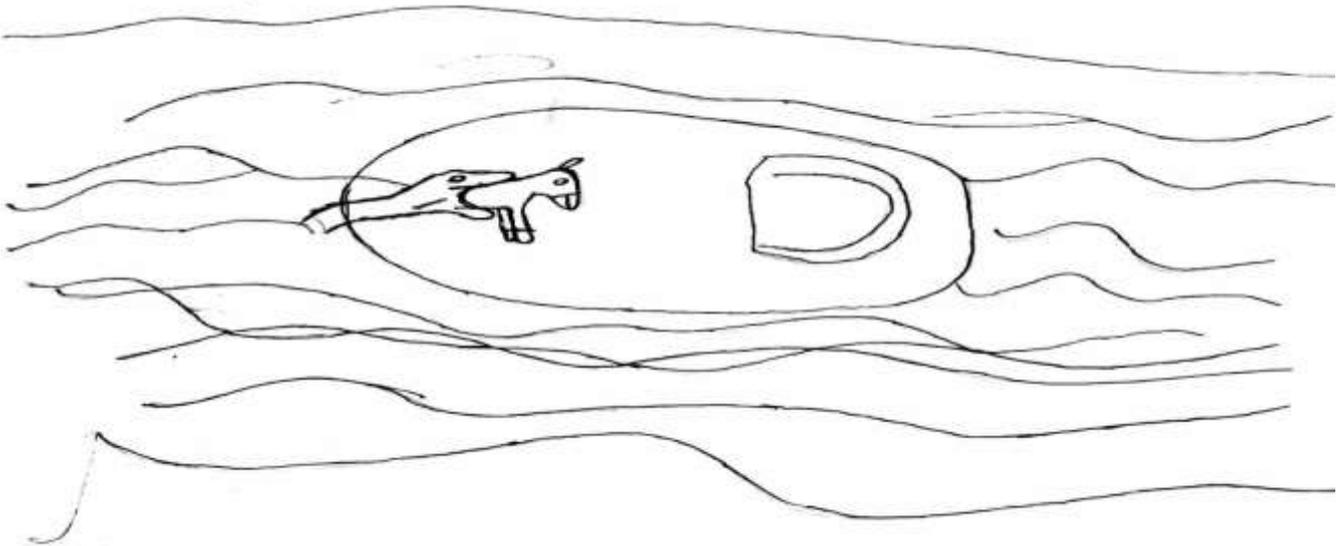
Daqui não muito longe,

No poção da mucura,

Do barco caiu uma burra encangada,

Que de nada restou,

Da burra encangada que o cobraõ devorou.

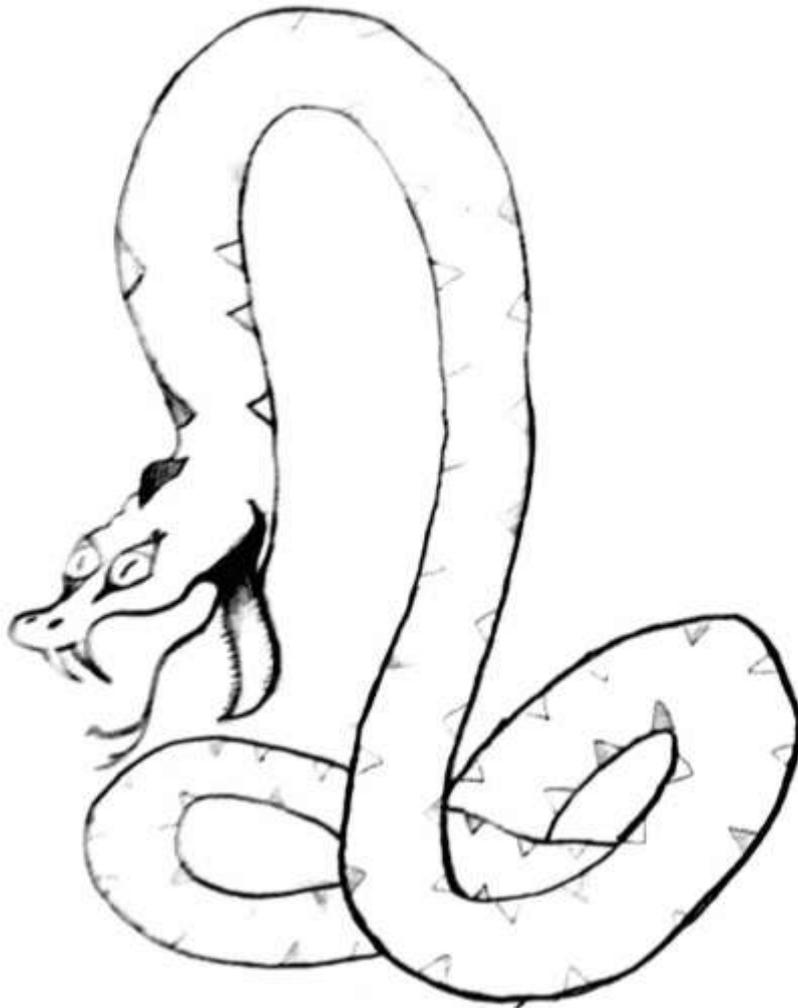


A COBRA GRANDE

Cobra grande no rio Xingu ou no rio Fresco, sempre existiu.

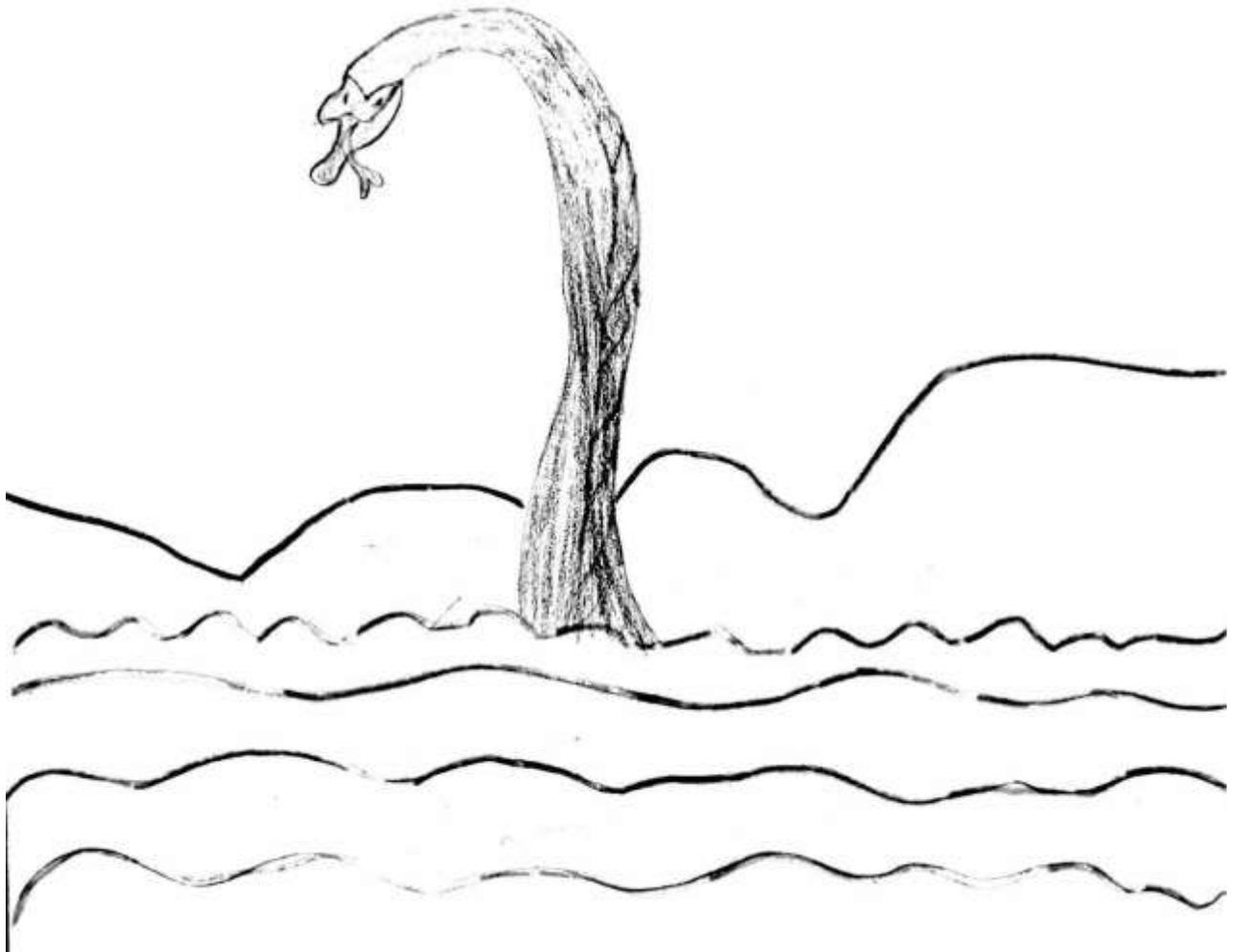
Na lua cheia ou minguante, a cobra grande pode aparece, as embarcações e os barqueiros de medo já são prevenidos.

Cobra grande existe e nas cheias dos rios, quem quiser que caia na água para pega trcajá eu não vou.



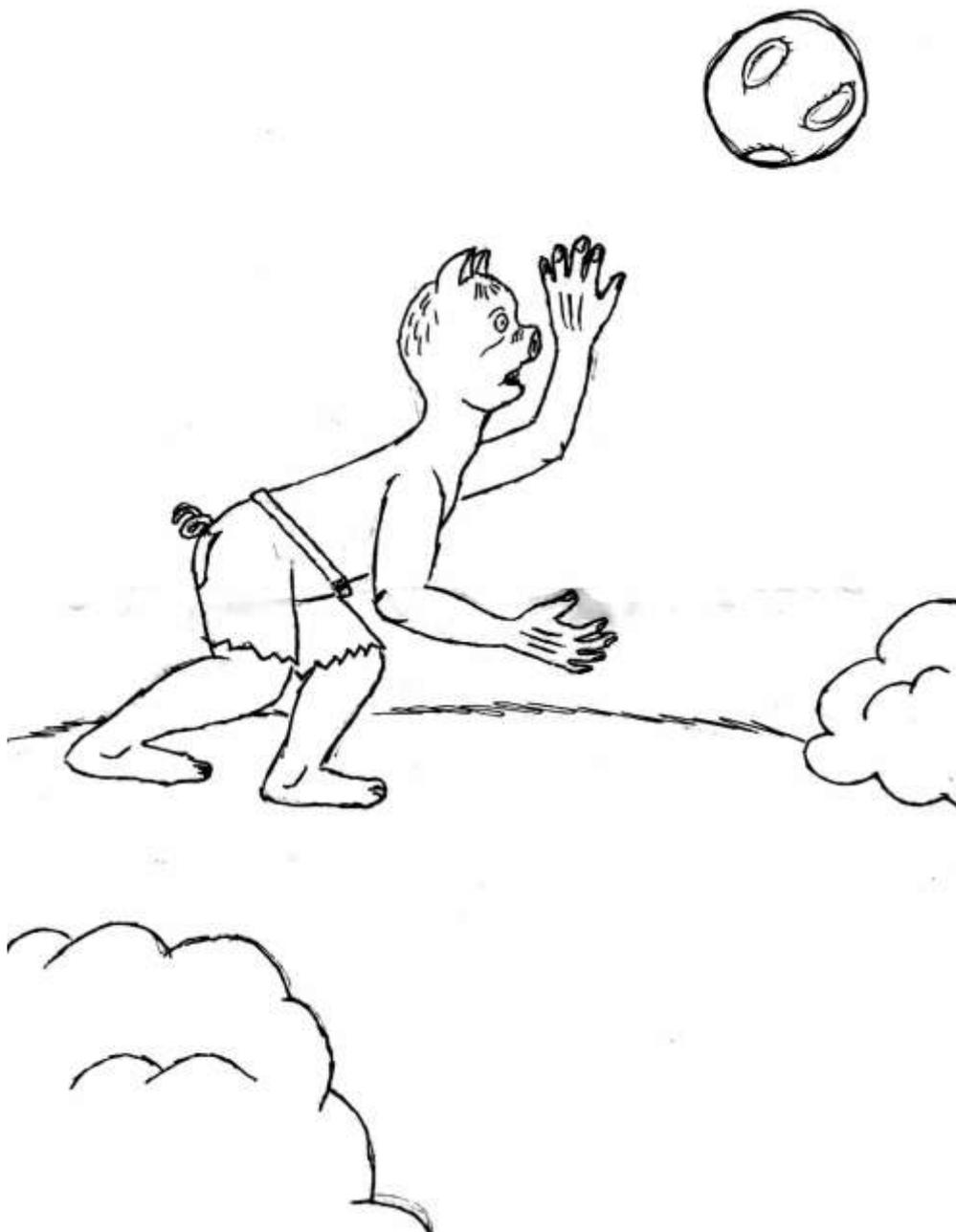
A BOIUNA

Contam que lá para lado do poço do Remancinho, eu não vi mais teve quem viu. A boiuna (Cobra grande e preta de olhos fluorescentes) lá era o que tinha, tão grande que virava as águas do rio e quem não fosse experiente, tinha que contar com a sorte para não ser mais uma vítima da cobra grande.



A PORCA DE BOBES

A porca de Bobes é a história de um homem que virava porca, nas noites de lua cheia, nas proximidades do rio Xingu, saia pelas ruas assustando as pessoas que se atrevesse passa nos seus caminhos.



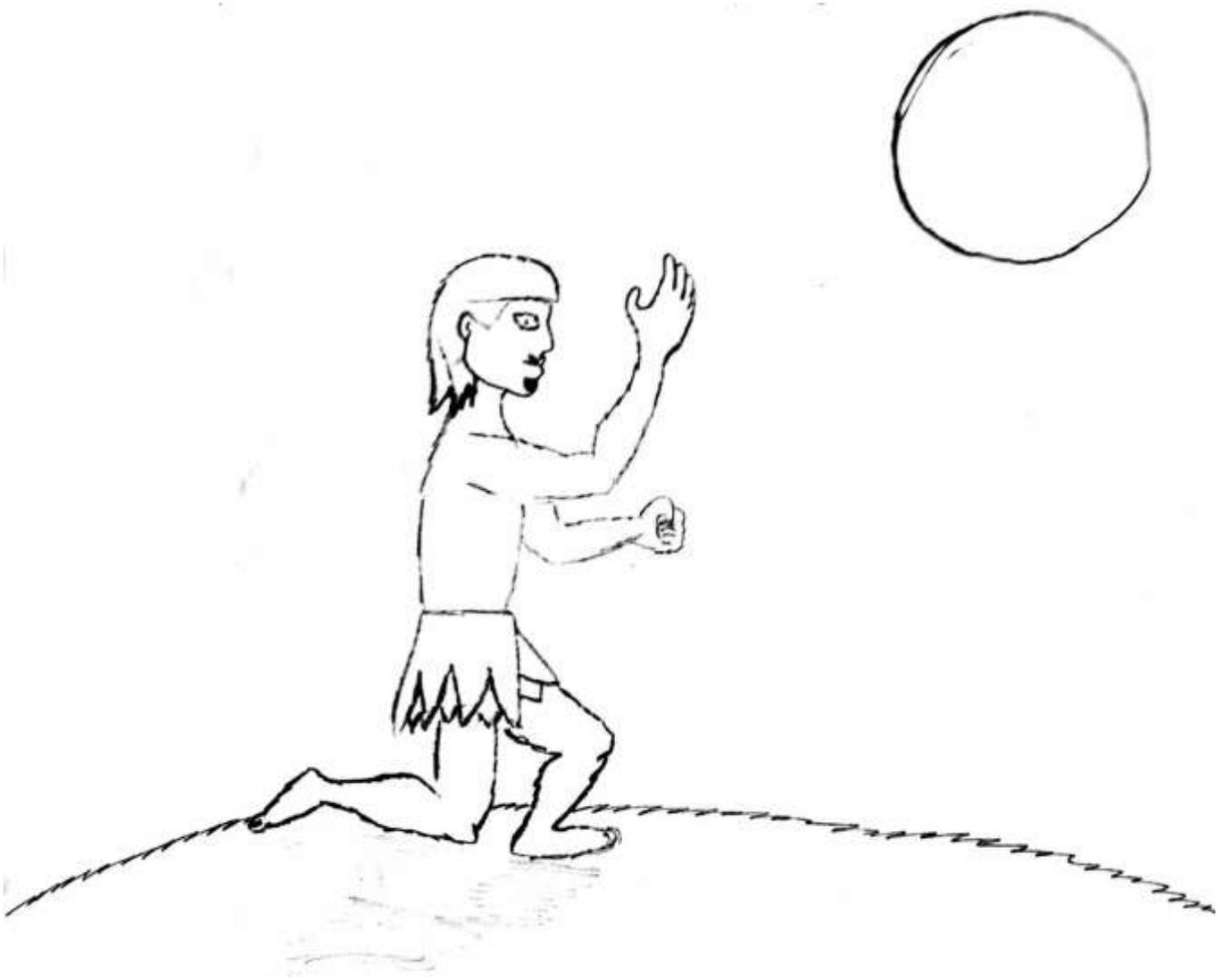
O HOMEM QUE VIRAVA BODE

Contam que além de poder virar lontra, caititu, nas ruas da cidade era de bode que ele se apresentava, o homem todos conhecia. Mais era nas noites escuras do Xingu que sai, assustando as pessoas que passassem em seu caminho. Quando morreu o homem que virava bode no lugar onde foi enterrado ainda se ouve o berro do bode.



O ÍNDIO QUE VIRAVA BICHO

Se for verdade não se sabe, mas, quem não teve medo, das histórias de índios de tão velhos virava bicho, quando fugia das aldeias saía de cidades em cidades aterrorizando os que acreditavam que até gente comia.



CAPELÔBO

Quem nunca viu falar, na região notícias de um capelôbo que era uma transformação de um índio que de tão velho virava assombração. E pregando na população muita preocupação diante das constantes aparições.



GLOSSÁRIO

Faísca: fragmento de fogo.

Rancharia: lugar que servia de hospedaria.

Mariscar: atividade da caça e pesca.

Regatão: comerciantes que de barco comercializavam sua mercadoria nas margens dos rios da região.

Espingarda: arma de fogo portátil que tem como munição cartuchos.

Lastro: sentido de aumentar as riquezas.

Borrachudo: mosquitos que em geral deixa um ponto de sangue coagulado após a picada.

Poçoão: lugar de grande profundidade nos rios da região.

Mucura: animal semelhante a um rato.

Encangada: no sentido de 'cangaia', assento para colocar em cavalos e burros.

Remancinho: localidade do Rio Xingu, próximo a São Félix, com grandes poções e lindas praias, área muito pescada pelos pescadores da região no passado.

Bobes: acessório em forma de cilindro, muitas vezes de plásticos, de colocar nos cabelos para cachear.

FICHA TÉCNICA**Título:** HISTÓRIAS DO XINGU**Organizadora:** Joelma da Silva Santos**Narradores:** Daria Batista dos Santos e
Francisco Viana de Sousa**Alunos colaboradores:**

Amanda Lima dos Santos

Antonio Guibson Vitor Lima

Esmeralda Morais de Araujo

Grabrielly Alves Pereira

Geovanna Beatriz Silva e Silva

Guilherme Moreira da Silva

Isabela Duarte de Oliveira

Jackeliny Goes Pacheco

Juan Matheus Ferreiro Ribeiro

Kaique Santos de Sousa

Karla Mell Sousa Silva

Kemyllle Esther Bezerra Lima

Luana Karoline Barbosa de Freitas

Lucas da Silva Alves

Manoel Silva e Silva

Raquel da Costa Alves

Thaua Ray Pereira Rodrigues

Tiarles Gomes Soares

Vithoria Hadassa de Vasconcelos Costa

Wendy Naely Matos Sousa

Felipe Junior Teixeira Duarte

REFÊNCIAS DA CARTILHA

NUNES, Wilson da Silva. **Lendas e Contos do Xingu**. 1 ed. Belém: [Ipuã], 2003.

SANTANA, Luiz Ferreira. **São Félix do Xingu e sua História 1889-1997**. São do Félix do Xingu: SEMED, 2007.

3. 5 - POSSIBILIDADES DE TRABALHAR COM A CARTILHA

Além do que foi trabalhado até chegar à confecção da cartilha, a História oral, a História do local, memória, entrevistas e narrativa dos moradores mais velhos da cidade, trabalho de campo; que muito contribuíram para um ensino de História com mais significado para o aluno, também foi possível perceber-se enquanto sujeitos históricos pertencentes à História tanto local como global.

Quando concluída a cartilha e apresentada aos alunos ainda foi possível fazermos toda uma leitura do contexto histórico que as Histórias foram vivenciadas, o que mudou e o que permaneceu no imaginário das pessoas, como estava organizada a cidade, como era o vestuário, alimentação, que atividades econômicas existiam naquele momento e até a forma de fala mudou no decorrer do processo histórico. E toda essa percepção torna o ensino de História mais dinâmico podendo ser relacionado a nível local nacional e até internacional.

As possibilidades são muitas, sendo este o objetivo deste trabalho de pesquisar contribui para que outros possam usar ou no ensino de História ou em outras disciplinas, uma vez que quase não temos trabalhos voltados nem para o regional menos ainda para o município. A partir deste trabalho já podemos perceber o interesse de outras pessoas em trabalhar com temas da História do local.

As narrativas podem ser analisadas dentro de várias possibilidades, no caso da língua portuguesa, por exemplo, podendo até ser trabalhadas usando outros gêneros narrativos para as mesmas histórias. A cartilha em si ainda pode ser exposta para comunidade como algo produzido pelos próprios moradores, onde muitos podem se identificarem nessas narrativas e outros que não conhecem possam conhecer, fazendo uma viagem no mundo imaginário dessas Histórias. Nesta perspectiva tanto a cartilha como o histórico do município já esta sendo usado como fonte para trabalhar a História da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui apresentada utilizou-se da História oral, através das tradições orais, para refletir sobre o ensino em História. É um trabalho que teve como objetivo prospectar algumas das tradições orais de São Félix do Xingu, como uma possibilidade para dinamizar o Ensino em História, na Escola Professora Carmina Gomes, o que também possibilitou o trabalho com a memória e narrativas, o local e o cotidiano.

É também uma proposta de ensino em História. Os desafios dos professores contemporâneos são enormes, e a pesquisa e novas metodologias se fazem necessárias. O professor da educação básica precisa estar disposto à buscar novas experiências e aberto às inovações técnico-tecnológicas. Para Pesce & André (2012, p. 40), “a docência é uma atividade complexa e desafiadora, que exige do professor uma constante disposição para aprender, inovar, questionar e investigar sobre como e por que ensinar”. Além de proposta aplicada, que atende ao professor de História enquanto metodologia de ensino buscou-se, também, contribuir com outros professores ou disciplinas que desejam trabalhar com a oralidade.

A pesquisa partiu de uma inquietação pessoal enquanto professora de História e da busca por um ensino com mais sentido para a vida do aluno. Daí o objetivo de apresentar uma proposta de ensino de História envolvendo o contexto, o local e o cotidiano do aluno, uma vez que a maioria dos livros didáticos não faz referência ao local ou ao regional. Já existem muitos trabalhos acadêmicos voltados para temática, mais ainda se fazem necessárias maiores contribuições a contextos específicos.

Nesse sentido, a pesquisa foi organizada para apresentar as possibilidades de trabalharmos a História oral, a História através da oralidade que gera narrativas como fonte, e a memória, a partir das narrativas dos moradores mais velhos da cidade, por meio das tradições orais. Foi pensado e organizado, também, de forma a contribuir com professores, em especial os de História, que desejam trabalhar com essa metodologia de pesquisa e de ensino.

No primeiro momento foi realizada uma abordagem sobre da História oral nos últimos tempos e como esta metodologia vem trazendo grandes contribuições

para pesquisa, bem como na pesquisa sobre ensino de História. Além das tradições orais, apresentada como tema da pesquisa, também é possível trabalhar com outros gêneros da História oral, como História oral de vida; História oral testemunhal; História oral temática.

No trabalho com fontes orais o estudo da memória é de grande importância. Sendo assim, trabalhou-se com a memória que vem ganhando destaque nos últimos tempos, tanto a nível nacional como internacional, enquanto objeto de estudo e fonte para pesquisas em História.

Como pano de fundo da pesquisa, o local e o cotidiano podem trazer um novo olhar do aluno para com a História, que muitas vezes parece longe de sua realidade. Para trabalhar o local e o cotidiano do aluno é preciso conhecer a História da cidade, de vida dos moradores, a trajetória histórica até mesmo da própria família do aluno. O estudo do local, do município, possibilita perceber o modo de vida, a cultura, as tradições da localidade, que momentos essas histórias estiveram mais presente no imaginário das pessoas, o que muda e o que permanece. Para Fonseca (2006) se os estudos do local são relevantes no processo de construção das identidades, então esse processo tem que começar na educação escolar, pautado na realidade que vivemos.

“A Escola e as aulas de História são lugares de memórias, da história recente, imediata e distante” (FONSECA, 2006, p. 132). A escola é um ambiente importante para o processo de ensino aprendizagem, daí que a apresentação da mesma se faz necessário em uma pesquisa que envolve seu cotidiano, como também os desafios dos professores de História nos dias de hoje (2018) quanto a difícil tarefa de avaliar em uma educação que quase não muda em relação às alterações pelas quais o mundo vem passando, a exemplo dos avanços tecnológicos, que muitas escolas não conseguem acompanhar; os meios de comunicação que nos enchem de informações, nos deixando sem tempo para refletir sobre elas, além das poucas oportunidades de formação continuada para os profissionais da educação, que têm dificultado o desenvolvimento de novas metodologias.

A partir do exposto foi desenvolvida uma proposta metodológica para ensino de História, com os alunos do sétimo ano do ensino fundamental, como objetivo de ter um olhar especial para o local de vivência do aluno, da sua História, das memórias, das narrativas, do ouvir o que os mais velhos têm para contribuir com

nossa História. Perceberam que podem aprender a História de forma diferente do livro escrito, na oralidade, oportunizando ouvir pessoas que muitas vezes não dominam a escrita, mais conhecem muito bem suas Histórias.

Segundo Fonseca (2006), nós professores e alunos temos um papel importante de juntos ouvirmos o pulsar da comunidade. Pensando assim que foi produzido o trabalho final desta pesquisa. Na atividade com os alunos pode-se perceber o quanto é gratificante o envolvimento dos mesmos como as novas descobertas, proporcionado um novo olhar sobre a História do lugar. O trabalho começou com os alunos na sala de aula, onde realizamos uma oficina, destacando alguns pontos; como trabalhar com a História oral, que atitudes temos que ter na realização das entrevistas e o respeito àqueles que iriam narrar suas Histórias. Preparamo-nos em trios e partimos para as entrevistas. Mas nem todos conseguiram êxito na realização das entrevistas, então conversamos e remarcamos algumas. Os alunos tiveram dificuldade por não terem experiência em trabalhos assim, por eu não estar mais presente no acompanhamento do dia-dia da sala, mas é certo que, apesar de algumas dificuldades apresentadas, o trabalho teve êxito.

Os objetivos da pesquisa foram alcançados. Foi possível trabalhar com a História oral, por meio das tradições orais no ensino de História, estimulando o contato dos alunos com a comunidade. O contato com entrevistado também foi muito significativo, pois muitos alunos tiveram contato com pessoas e Histórias que não conheciam, e sobre como podemos conhecer a nossa História através do que guardamos na memória. Foi possível perceber, quando as narrativas estavam prontas, que os alunos ficaram fascinados com as Histórias, já que muitos não conheciam algumas. Foi feita, também, uma análise histórica das narrativas, sobre como o contexto histórico e o imaginário das pessoas podem mudar ao longo do tempo e qual o ponto de vista de cada um com relação a essas histórias. As narrativas foram ilustradas, dando um maior significado as Histórias, e complementadas com um glossário com algumas palavras que foram muito utilizadas nos tempos passados.

Apesar de o trabalho ter contemplado as tradições orais, as narrativas foram trabalhadas somente no sentido lendário, uma vez que para Meiry & Holanda (2017), também é matéria da tradição oral o calendário, as festividades, os rituais de passagem, fundamentos místicos, rituais e vida material de grupos. Ainda como proposta de trabalharmos com a tradição oral, podemos montar cartilhas com

receitas de comidas típicas; com remédios de plantas medicinais, com festividades, confecção de artesanatos, com danças, músicas, tanto da localidade como da região, podendo estar relacionado com o nacional.

LISTA DE ENTREVISTADOS

Nome dos entrevistados	Data das entrevistas:
1- Antônio Pereira dos Santos	13/10/2017
2- Daria Batista dos Santos	15/11/2017
3- Dejanira Barbosa de Freitas	20/10/2017
4- Esmeralda Rodrigues	21/10/2017
5- Félix Rodrigues da Silva	30/10/2017
6- Francisco Viana de Sousa	01/11/2017
7- Luiza Santana	13/04/2018
8- Maria Ilza Leite Bezerra	20/11/2017
9- Pedro Alves Soares	02/11/2017
10-Zeli Souza e Souza	06/11/2017

Os entrevistados que tiveram suas narrativas usadas na cartilha

Senhor Francisco Viana de Sousa;

Entrevista realizada com o senhor Francisco Viana de Sousa, 69 anos, nascido em 16 de novembro de 1948, nasceu em Valencia do Piauí, chegou a São Félix do Xingu em 1986. Atualmente mora na Rua Otaviano Torres, setor Triunfo em nesta cidade, Pará. A entrevista foi semiestruturadas e realizada em sua casa por opção do próprio entrevistado.

Senhora: Daria Batista dos Santos;

Entrevista realizada com a senhora Daria Batista dos Santos, 64 anos, nascida em 25 de outubro de 1953 em São Félix do Xingu, atualmente mora na Rua Castelo Branco, setor Centro em São Félix do Xingu, Pará. A entrevista foi semiestruturadas a entrevista foi realizada em sua própria residência. Atualmente trabalha como merendeira em uma escola e estudou até a sexta série.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Fontes históricas** / Carla Bassanezi Pinsk, (organizadora). 3 ed. 2 reimpr. São Paulo: Contexto, 2015.

BÉDARIDA, François. Tempo presente e presença da História, In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da História Oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: FVG. 2006.

BEJAMIN, Valter. O narrador. In: _____ **Magia e Técnica, Arte e Política**. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas, v. 1).

BRASIL. IBGE. **São Felix do Xingu**. Disponível: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/sao-felix-do-xingu> > Consulta em: 05 mar 2018.

BRASIL. **Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação nacional. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 23 de dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. 2. História: Ensino de quinto ao oitava séries. – Brasília: MEC/SEF, 1998. .

CANDAU, Joël. **Memória e identidade/** Joël Candau; tradução Maria Letícia Ferreira. 1 ed., 3 reimpr. São Paulo: Contexto, 2016.

CHARTIER, Roger. A visão do historiador modernista, In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da História Oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: FVG. 2006.

CRUIKSHANK, Julie. Tradição oral e História oral: revendo algumas questões, In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da História Oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: FVG. 2006.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Oralidade e memória em projetos testemunhais, In: Lopes, Antônio Herculano; VELOSO, Mônica Pimenta; PESAVENTO, Sandra Jatayh (Orgs.). **História e linguagens: texto, imagem, oralidade e representação**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

FIGUEIRA, Cristina Reis; MIRANDA, Lílian Lisboa. **Educação patrimonial no ensino de História nos anos finais do ensino fundamental: conceitos e práticas**. 1 ed. São Paulo, SM, 2012.

FONSECA, Selva Guimarães. **Fazer e Ensinar História**. 1 ed. Belo Horizonte. Dimensão, 2010.

FONSECA, Selva Guimarães. História local e fontes orais: uma reflexão sobre saberes e práticas de ensino de História, In: História oral: **Revista da Associação Brasileira de História Oral**. Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, jan - jun. 2006. p. 125/141.

FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da história oral, In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da História Oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: FVG. 2006.

JOUTARD, Philippe. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos, In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da História Oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: FVG. 2006.

LAZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea, In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da História Oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: FVG. 2006.

LE GOFF, Jacques. **História & Memória: A ordem da memória**. 7 ed. Revista – Campinas, SP: Unicamp, 2013.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer como pensar**. 2 ed. SP: Contexto, 2017.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIEBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de História oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. SP: Contexto, 2011.

MONTEIRO, Ana Maria F. C. **Professores de História: entre saberes e práticas**. Rio de Janeiro, Mauad X, 2007.

NUNES, Wilson da Silva. **Memórias do Xingu**. Belém. UFPA, 2006.

PARÁ. **Resolução 001**, de 05 de janeiro de 2010. Dispõe sobre regulamentação e a consolidação das normas estaduais e nacionais aplicáveis à Educação Básica no Sistema Estadual de Ensino do Pará, Belém, 17 de dez. 2009.

PESCE, Marly K. de & ANDRÉ, Elisa Dalmazo Afonso de. **Formação do professor pesquisador na perspectiva do professor formador**. Formação Docente. Belo Horizonte, vol. 04, n. 07, p. 39-50, jul/dez. 2012.

PORTELLI, Alessandro. A Bomba de Turim: A formação da memória no pós-guerra, In: História Oral. **Revista da Associação Brasileira de História Oral**. V 9, n. 1, jan-jun.2006 – Rio de Janeiro: Associação Brasileira de História Oral.

RANZI, Serlei Maria Fischer. *Fontes Oraís, História e saber escolar*. **I Congresso Brasileiro de História da Educação**, RJ, 2000.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era, In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da História Oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: FVG. 2006.

RÜSEN, Jörn. **História Viva: Tópica – formas da historiografia**. Brasília: UNB, 2007.

RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica: Pragmática – a constituição do pensamento histórico na vida prática**. Brasília: Editora da UNB, 2001.

SANTANA, Luiz Ferreira. **São Félix do Xingu e sua História 1889-1997** São do Félix do Xingu. SEMED, 2007.

SÃO FÉLIX DO XINGU. Semed. **Plano Municipal de Educação de São Félix do Xingu**. Pará, 10 de jun. 2015.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. História do ensino de história no Brasil. Uma proposta de periodização. **Revista História da Educação – RHE**. Porto Alegre V. 16 n. 37. p. 73-91. maio/ago. 2012.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História: Pensamento e ação na sala de aula**. 1 ed. São Paulo. Scipione. 2010.

SCHMINK, Marianne; WOOD Charles H. **Conflitos Sociais e a Formação da Amazônia**: [Tradução de Noemi Miyasaka Porro e Raimundo Mouro]. Belém: Ed. UFPA, 2012.

THOMSON, Alistair, FRISCH, Michael, HAMILTON, Paulo. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais, In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da História Oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: FVG, 2006.

ZAMBONI, Ernesto; LUCINI, Marizete; MIRANDA, Sonia Regina. O saber Histórico Escolar e a tarefa educativa na contemporaneidade. In: Marcos Silva (org.). **História: Que Ensino é Esse?** Campinas, São Paulo: Papirus, 2013.

APÊNDICES

Apêndice A – Questionário socioeconômico

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS – UFT



Departamento de Pós-Graduação



Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA

QUESTIONÁRIO

Unidade: ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA CARMINA GOMES

Município: SÃO FÉLIX DO XINGU-PA

Série pesquisada: 7º ANO C

Pesquisador: Prof^a Joelma da Silva Santos

Prezados (as) alunos (as) do 7º ano 'c' da Escola Professora Carmina Gomes:

Este questionário tem como objetivo conhecê-lo melhor mediado pelo conjunto de perguntas abaixo. Os questionamentos são, em sua maioria, de ordem social e econômica cuja intenção é caracterizar os estudantes dessa turma cujo perfil pode ser construído mediante as informações prestadas neste questionário. Nesse sentido, pedimos, encarecidamente, que respondam as perguntas.

ATENÇÃO!!! TODOS OS DADOS OBTIDOS NESTE QUESTIONÁRIO SERÃO CONFIDENCIAIS! TODAS AS QUESTÕES VISAM APENAS À COLETA DE INFORMAÇÕES OU DE OPINIÕES. NÃO HÁ RESPOSTAS CERTAS OU ERRADAS. PORTANTO, POR FAVOR, NÃO DEIXE NENHUMA QUESTÃO SEM RESPOSTA! É DE FUNDAMENTAL IMPORTÂNCIA SUA ATENÇÃO A TODAS AS QUESTÕES.

Portanto, leia com atenção todas as informações do questionário antes de responder às questões.

- SOBRE VOCÊ -

1 - Qual o seu nome completo?

2 - Qual o seu sexo?

() Feminino

() Masculino

3 – Qual a sua idade? _____ anos

4 - Sua residência está localizada na:

() Zona Urbana () Zona Rural

5 – O que faz nas horas vagas disponíveis?

() Faz tarefas da Escola

() Faz atividades esportivas

() Ajuda a família nas tarefas domésticas

() Faz algum curso (Inglês, informática, cursos profissionais, etc)

() Trabalha... em que? Onde? _____

() Outra situação... Explique: _____

6– Qual o nome do setor/bairro ou localidade da zona rural em que você mora?

7 – Há quanto tempo, aproximadamente, você mora no setor/bairro ou localidade da zona rural mencionado acima?

_____ anos e _____ meses

- SOBRE SUA FAMÍLIA -

8– Quem mora com você? Marque com um (X) a alternativa que lhe compete. Pode ser mais de uma:

Pai ()

Mãe ()

Filhos ()

Irmãos ()

Avós ()

Outros parentes ()

Amigos ou colegas ()

9 - Quantas pessoas moram em sua casa?

(Contando com seus pais, irmãos ou outros parentes que moram em uma mesma casa)

() Duas pessoas.

() Três pessoas.

() Quatro pessoas.

() Cinco pessoas.

() Seis pessoas.

() Mais de seis pessoas.

10 – Qual o grau de escolaridade do pai?

() Não estudou.

() Da 1ª à 4ª série do ensino fundamental (antigo primário).

() Da 5ª à 8ª série do ensino fundamental (antigo ginásio).

() Ensino médio (2º grau) incompleto.

() Ensino médio (2º grau) completo.

- Ensino superior incompleto.
- Ensino superior completo.
- Pós-graduação.
- Não sei.

11 – Qual o grau de escolaridade da mãe?

- Não estudou.
- Da 1ª à 4ª série do ensino fundamental (antigo primário).
- Da 5ª à 8ª série do ensino fundamental (antigo ginásio).
- Ensino médio (2º grau) incompleto.
- Ensino médio (2º grau) completo.
- Ensino superior incompleto.
- Ensino superior completo.
- Pós-graduação.
- Não sei.

12 - Em que seu pai trabalha ou trabalhou, na maior parte da vida?

- Na agricultura, no campo, em fazenda ou na pesca.
- Na indústria.
- No comércio, banco, transporte ou outros serviços.
- Funcionário público do governo federal, estadual ou municipal.
- Profissional liberal, professor ou técnico de nível superior.
- Trabalhador do setor informal (sem carteira assinada).
- Trabalha em casa em serviços (costura, cozinha, aulas particulares, etc).
- No lar.
- Não trabalha.
- Não sei.

13 - Em que sua mãe trabalha ou trabalhou, na maior parte da vida?

- Na agricultura, no campo, na fazenda ou na pesca
- Na indústria.
- No comércio, banco, transporte ou outros serviços
- Como trabalhadora doméstica.
- Como funcionária do governo federal, estadual ou municipal
- Como profissional liberal, professora ou técnica de nível superior
- No lar.
- Trabalha em casa em serviços (comida, costura, aulas particulares etc.).
- Não trabalha.
- Não sei.

14 - Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar?

(Considere a renda de todos que moram na sua casa.)

- Até 1 salário mínimo (até R\$ 937,00).
- De 1 a 2 salários mínimos (de R\$ 937,00 até R\$ 1.874,00).
- De 2 a 5 salários mínimos (de R\$ 1.874,00 até R\$ 4.685,00).
- De 5 a 10 salários mínimos (de R\$ 4.685,00 até R\$ 9.370,00).
- De 10 a 30 salários mínimos (de R\$ 9.370,00 até R\$ 28.110,00).
- De 30 a 50 salários mínimos (de R\$ 28.110,00 até R\$ 46.850,00 inclusive).
- Mais de 50 salários mínimos (mais de R\$ 46.850,00).
- Nenhuma renda.

15 - Como é sua casa? Marque com um (X) a alternativa que lhe compete. Pode ser mais de uma:

- Própria

- É em rua calçada ou asfaltada
- Tem água corrente na torneira
- Tem eletricidade
- É situada em comunidade indígena
- É situada em comunidade quilombola

SOBRE A DISCIPLINA DE HISTÓRIA

16- Em relação a disciplina de História Você:

- Gosta de História
- Não Gosto
- Estudo somente por obrigação
- Estudo por que vai ajudar no vestibular/ENEM

Outro: _____

17- O qual conteúdo você mais gosta ou tem mais interesse em apreender nas aulas de História?

18- Como você considera o estudo de História para sua vida?

- Importante Muito importante Nenhuma importância
- Pouca importância Alguma importância

19- As fontes históricas são basicamente os vestígios deixados pelos homens ao longo de sua existência, qual a importância que você atribui as fontes históricas para apreender História?

1-Importante 2- Muito importante 3- Nenhuma importância 4- Pouca importância 5-
Alguma importância

- Documentos oficiais (Ex: Registro de cartórios)
- Fontes audiovisuais (Ex: Filmes, músicas)
- Fontes orais (Ex: depoimentos, entrevistas)
- Obras de arte (Ex: Pinturas, esculturas)
- Jornais e revistas

20- Por quais fontes você mais tem contato com a História?

- 1-Sempre 2-quase sempre 3-às vezes 4- Nunca
- Livro didático

- Através de Documentários
- Sala de aula através da fala dos professores
- Museus e lugares históricos
- Através de Sites da Internet

Outro: _____

21- Quais as formas que você mais gosta de estudar História?

- Através dos livros didáticos Através de Documentários
- Através da Internet Sala de aula através da fala dos professores
- Museus e lugares históricos Outro: _____

22- Você já ouviu falar de Patrimônio histórico?

- sim
- não

23- O que você considera como parte da História da sua cidade?

24- Você se considera pertencente a História do lugar que vive ou do seu país?

- sim
- não

25 – Em sua opinião, o conhecimento histórico serve para?

- aprender sobre o que aconteceu no passado
- entender sobre o passado para compreender o presente
- saber sobre a História de pessoas e acontecimentos importantes
- descobrir o que aconteceu, entender o que está acontecendo e prever o que acontecerá
- Não sei responder
- Não serve para nada

Apêndice B – Plano de Aula para Oficina



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA – PROFHISTÓRIA

Escola Municipal de Ensino Fundamental Profª Carmina Gomes

Professora: Joelma da Silva Santos

Professor orientador: Braz Batista Vas

Turma: 7º ano c

Disciplina: História

Período: 2 aulas de 45 minutos

PLANO DE AULA PARA OFICINA

CONTEÚDO: História Oral e Memória

CONSIDERAÇÃO

A “História oral é um recurso moderno usado para a elaboração de registros, documentos, arquivos e estudos referentes à experiências social de pessoas e de grupos. Ela é sempre uma História do tempo presente e também conhecida como História viva.” (MEIHY & HOLANDA, 2017, p. 17).

OBJETIVOS

- ✓ Analisar qual a importância da História oral para nossa sociedade.
- ✓ Qual o papel da memória nesses registros.
- ✓ Como as tradições orais pode ser uma fonte importante de conhecimentos.
- ✓ Entender como podemos através da entrevista registrar e guardar conhecimentos de pessoas da comunidade (mais velhas) que muitas vezes não conhecem a escrita.

METODOLOGIA

A oficina será exposta com uso do datashow, dialogada com a turma a partir de um texto complementar sobre História Oral e memória; e como realizar entrevistas. Após a turma será dividida em trio, cada trio organizará seu roteiro para entrevista, combinando quem irão entrevistar, onde e qual o melhor horário.

RECURSOS DIDÁTICOS

- ✓ Datashow, textos impressos, cadernos, lápis, canetas.

AVALIAÇÃO

Será realizada a partir da participação dos alunos.

Apêndice C – Sobre História Oral



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS



CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA – PROFHISTÓRIA

Escola Municipal de Ensino Fundamental Profª Carmina Gomes

Professora: Joelma da Silva Santos

Professor orientador:

Turma: 7º ano c

Disciplina: História

Período: 2 aulas de 45 minutos

História Oral



“História oral é um recurso moderno usado para a elaboração de registros, documentos, arquivos e estudos referentes à experiências social de pessoas e de grupos. Ela é sempre uma História do tempo presente e também conhecida como História viva” (MEIHY & HOLANDA, 2017, p. 17). Uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da História contemporânea. Começou a ser utilizada nos anos 1950, após a invenção do gravador, nos Estados Unidos, na Europa e no México, e desde então se difundiu bastante. Ganhou também cada vez mais adeptos, ampliando-se o intercâmbio entre os que a praticam: historiadores, antropólogos, cientistas políticos, sociólogos, pedagogos, teóricos da literatura, psicólogos e outros.

No Brasil, a metodologia foi introduzida na década de 1970, quando foi criado o Programa de História Oral do CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas (FGV). A partir dos anos 1990, o movimento em torno da História oral cresceu muito. Em 1994, foi criada a Associação Brasileira de História Oral, que congrega membros de todas as regiões do país, reúne-se periodicamente em encontros regionais e nacionais, e edita uma revista e um boletim. Dois anos depois, em 1996, foi criada a Associação Internacional de História Oral, que realiza congressos bianuais e também edita uma revista e um boletim. No mundo inteiro é intensa a publicação de livros, revistas especializadas e artigos sobre História oral. Há

inúmeros programas e pesquisas que utilizam os relatos pessoais sobre o passado para o estudo dos mais variados temas.

A História oral possui basicamente quatro gêneros textuais, que são:

1. História oral de vida, narra à História de vida de uma pessoa e suas experiências;
2. História oral testemunhal, narra às vivências traumáticas que a pessoa passou;
3. História oral temática tem um caráter social e debate com outros documentos, com intuito de reflexão sobre o tema.
4. Tradição oral, narra Histórias transmitidas através de várias gerações.

Escola Profª Carmina Gomes



Igreja São Félix de 1938



Mercado Municipal



Fonte Joelma da Silva Santos, 2017

Memória

As sociedades orais lança-se mão da memória para diferentes fins, como na explicação histórica do aparecimento dos clãs familiares e das famílias, e na transmissão de conhecimentos práticas e técnicas. Nestas sociedades orais é comum a presença de homens-memória, ou seja, indivíduos responsável pela lembrança e pelas lembranças que dão sentido à vida social. A História oral, ao ser utilizado em pesquisas com memórias, permite observar determinados aspectos de períodos e acontecimentos históricos que nem sempre se pode perceber por meio de outras fontes, como textos ou imagens.

A memória ainda pode ser coletiva e individual; a coletiva se desenvolve a partir de laços guardados no interior de um grupo: a família, a escola ou profissional, e através da interação indivíduo-grupo, ela pode se modificar, diferenciar e modificar. A memória individual sempre estará ligada a memória do grupo (memória coletiva), o indivíduo não faz suas reflexões baseado somente em seu próprio referencial, mas em diálogo com outros indivíduos que participam do mesmo grupo.

A tradição oral é uma forma de expressão da História oral, ao fazermos um trabalho, por exemplo, de entrevistas, registros e observação com pessoas ou grupo podemos entender comportamentos de grupos e indivíduos, como as origens dos povos, calendários, as festividades, as doenças, a razão da existência humana, os mitos, visões de vida e de morte, destino de deuses, semideuses, heróis e personagens malditos e históricos; experiências negativas, pragas, abalos sísmicos ou outras tragédias.

As entrevistas podem ser uma rica fonte oral. As fontes orais incluem toda a informação e tradição que se mantém conservada na memória das pessoas e é passada oralmente de uns para outros. Contribuindo para conhecermos as tradições orais de um grupo.

Ao realizar um trabalho com entrevistas devemos fazer um roteiro um planejamento prévio do que desejamos com essas entrevistas, que pessoa ou grupo de pessoas iremos entrevistar qual o objetivo das gravações, qual o destino dessas gravações; definir o local de acordo com a disposição do entrevistado; estipular um tempo de duração das gravações. Quais aparelhos irão usar durante a gravação, gravadores, celulares, câmaras filmadoras, câmaras fotográficas, os últimos para registro de imagens. Paralelo a realização da entrevista podemos usar um caderno de campo, onde serão registradas anotações sobre como ocorreu a entrevista; dificuldades, reações do entrevistado, etc.

Ao realizarmos uma entrevista são muito importantes termos respeito e responsabilidade com as pessoas entrevistadas que estão dispostas a lembrar fatos de suas vidas.

Atividades

A partir da oficina que tivemos iremos nos organizar para entrevistarmos pessoas da comunidade mais velhas, a fim de sabermos um pouco das Histórias, da

memória social, das tradições orais desta comunidade. Então precisamos seguir algumas etapas.

1. Quem irá entrevistar.
2. Elaboração de um roteiro das entrevistas.
3. Horário que será realizada as entrevistas.
4. Quanto tempo vai durar a entrevista
5. Quais equipamentos vão usar para grava ou tirar fotos.
6. Quem vai transcrever as entrevistas.
7. Não esquecer o caderno de campo.

Apêndice D – Roteiro de Entrevista



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA – PROFHISTÓRIA

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Nome completo: -----

Data de nascimento: -----

Idade:- -----

Local de nascimento: -----

Endereço atual, rua: -----

Bairro: -----nº:- -----

Cidade: -----Estado: -----

Telefone: -----

Escolaridade: -----

Profissão atual: -----

Apêndice E – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA –
PROFHISTÓRIA**



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: Tradições Orais e Ensino de História na Escola Professora Carmina Gomes no Ensino Fundamental II em São Félix do Xingu-Pará.

Pesquisador Responsável: Joelma Silva Santos

Nome do participante: _____

Idade: _____

RG: _____

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, do projeto de pesquisa: **Tradições Orais e Ensino de História na Escola Professora Carmina Gomes no Ensino Fundamental II em São Félix do Xingu-Pará**, de responsabilidade da pesquisadora Joelma da Silva Santos.

Leia cuidadosamente o que segue e me pergunte sobre qualquer dúvida que você tiver. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, caso aceite fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que consta em duas vias. Uma via pertence a você e a outra ao pesquisador responsável. Em caso de recusa você não sofrerá nenhum tipo de ônus ou penalidade.

Declaro ter sido esclarecido sobre os seguintes pontos:

1. O trabalho tem por finalidade realizar entrevista com pessoas da comunidade de mais idade, com o objetivo de conhecermos as tradições orais que são passadas de uma geração para outra e muitas vezes são esquecidas com o passar do tempo. E com estes relatos contribuírem para um ensino de História que aproxime alunos e comunidade. Como também destacar a importância da oralidade para as pessoas que não dominam ou conhecem a escrita.

2. A minha participação nesta pesquisa consistirá na realização de entrevista com visitas na casa do entrevistado em alguns casos acompanhados de alunos, por períodos de horários pré-determinados para tal. Durante as entrevistas serão gravadas e registrados fotos dos entrevistados (as).
3. Não haverá nenhuma despesa ao participar da pesquisa sendo possível deixar de participar ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e não sofrerei qualquer prejuízo.
4. Meu nome será mantido em sigilo (caso desejado), assegurando, assim, a minha privacidade, e terei livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.
5. Fui informado que os dados coletados serão utilizados, única e exclusivamente, para fins de pesquisa científica e trabalhos acadêmicos.
6. Qualquer dúvida, pedimos a gentileza de entrar em contato com Joelma da Silva Santos, pesquisadora responsável pela pesquisa, telefone: (94) 981542885 e-mail: joelma23silva@outlook.com, ou professor orientador Braz Batista Vas, telefone: (63) 92786898, e-mail: brazbv@uft.edu.br

Eu, _____, RG nº _____ declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

_____ de _____ de 20__.

Assinatura do participante

Nome e assinatura do responsável por obter o consentimento

Apêndice F – Imagens da execução do projeto

Um dos encontros com os alunos 7º ano (Escola Profª. Carmina Gomes)

Alunos, 7º ano do fundamental da Escola Professora Carmina Gomes.



Fonte: Joelma da Silva Santos

Entrevista realizada com senhor Francisco Viana e alunos do 7º ano



Fonte: Kaique Santos (aluno)

Fonte: Kemyly Esther (aluna)

Entrevista realizada com o senhor Pedro Alves



Fonte: Joelma da Silva Santos